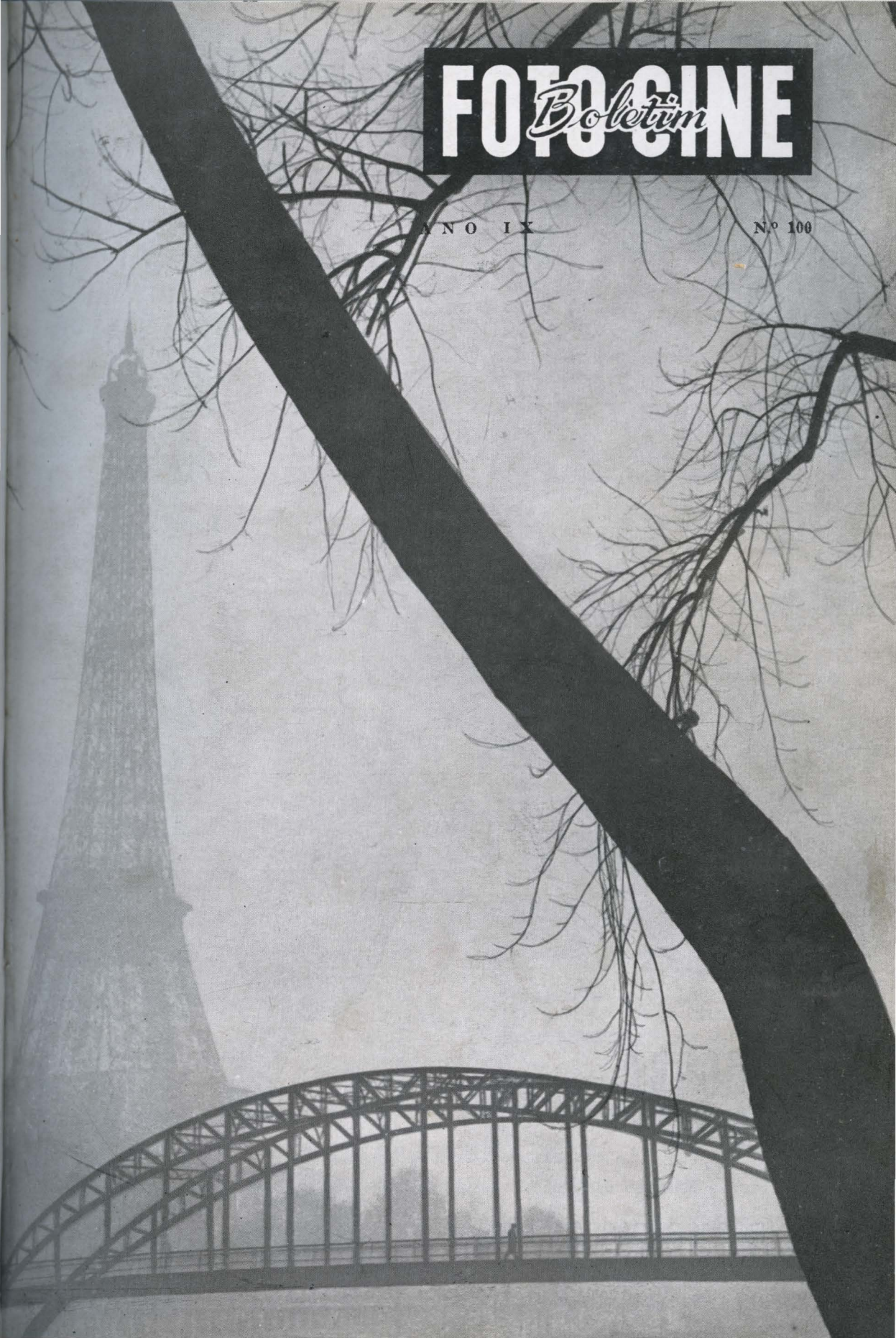


# FOTO CINE

*Boletim*

ANO IX

N.º 100



**Sucesso**  
*em cada*  
**Reclame**  
*pelos*  
**Cliches**



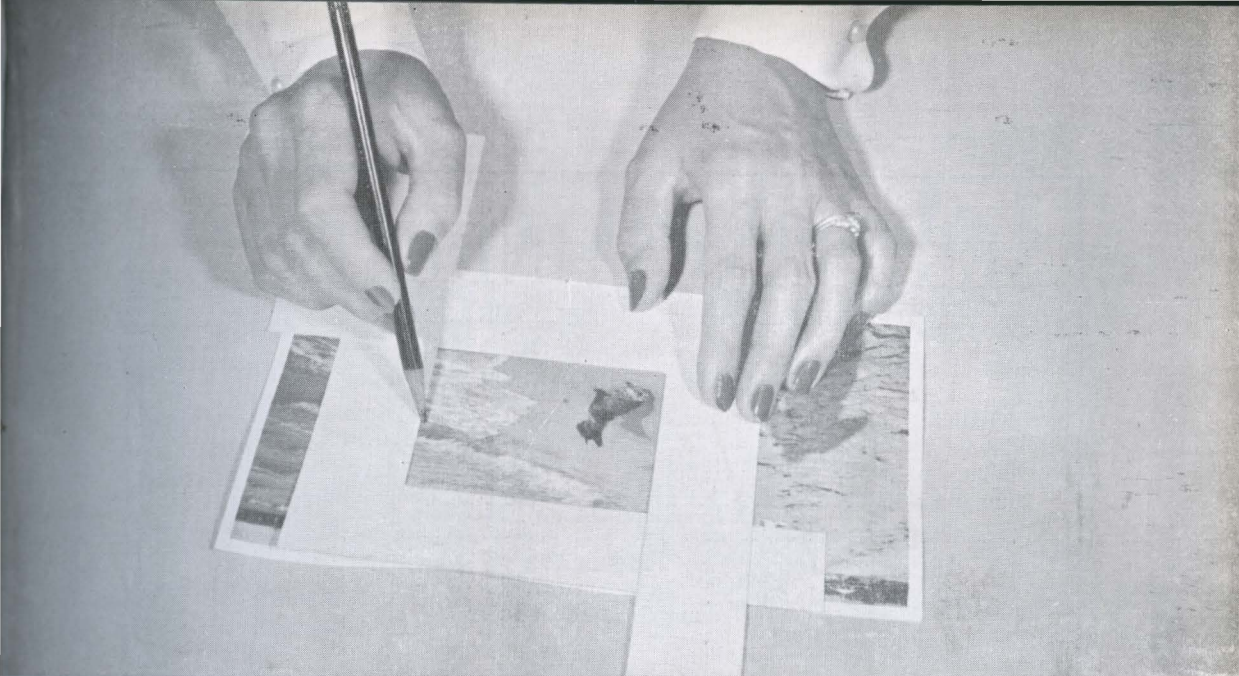
**CLICHES** *Fortuna*

**AGORA** EM SEU  
NOVO ENDEREÇO

R. CONS. CARRAO, 295



32-3492  
35-8000



## PAPÉIS FOTOGRÁFICOS

# Kodak- Wessel

Como é de conhecimento do snrs. consumidores em geral, há pouco mais de um ano esta antiga fábrica de papéis fotográficos está sendo operada sob a responsabilidade e controle técnico da KODAK — de renome mundial, e sua qualidade é hoje tão reconhecida que constitui um timbre de honra para a indústria Brasileira e se compara favoravelmente com produtos similares importados.

Com esta contribuição, Kodak põe ao alcance dos studios, laboratórios e indústrias em geral, um produto de notável qualidade nos mais diversos tipos, superfícies, graus de contraste e tamanhos.

### PARA CONTATO

- URUPEX** — Pêso simples e duplo tom quente, graus 1, 2 e 3
- LABOREX** — Pêso simples, esmalte tom frio, graus 1, 2, 3 e 4
- OSIRIS** — Pêso duplo, tom quente graus 1, 2, e 3
- JARDIM** — Postais pêso duplo suave e normal

### PARA AMPLIAÇÕES

- RICOBROM** — Pêso simples e duplo graus 1, 2, 3 e 4
- BROMATON** — Pêso duplo, tom quente, graus 1, 2, 3 e 4
- DOCUMENTO** — Contato rápido para fotocópias
- CARDIOBROM** — Rápido para electrocardiogramas

Contribua para o engrandecimento da Indústria Brasileira usando êstes papéis fotográficos

**KODAK BRASILEIRA S. A.**

**SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE**

# SEGURANÇA INDUSTRIAL

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

**CAPITAL REALIZADO: Cr.\$ 12.000.000,00**

SEGUROS: Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automoveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/55 Cr.\$ 52.525.915,10

Sinistros pagos até 31/12/55 ..... Cr.\$561.520.468,50

PRESIDENTE

Ad Memoriam

**Antonio Prado Junior**

MATRIZ NO RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 137 - Edifício Guinle — End. Telegráfico "SECURITAS"

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí - Telef.: 32-3161 a 32-3165

**J. J. Roos**

Gerente-Geral

**A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS**

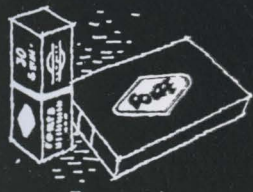
## BANCO RIACHUELO S. A.

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 89

FONE: 37-2546

SÃO PAULO

# Que tacada!



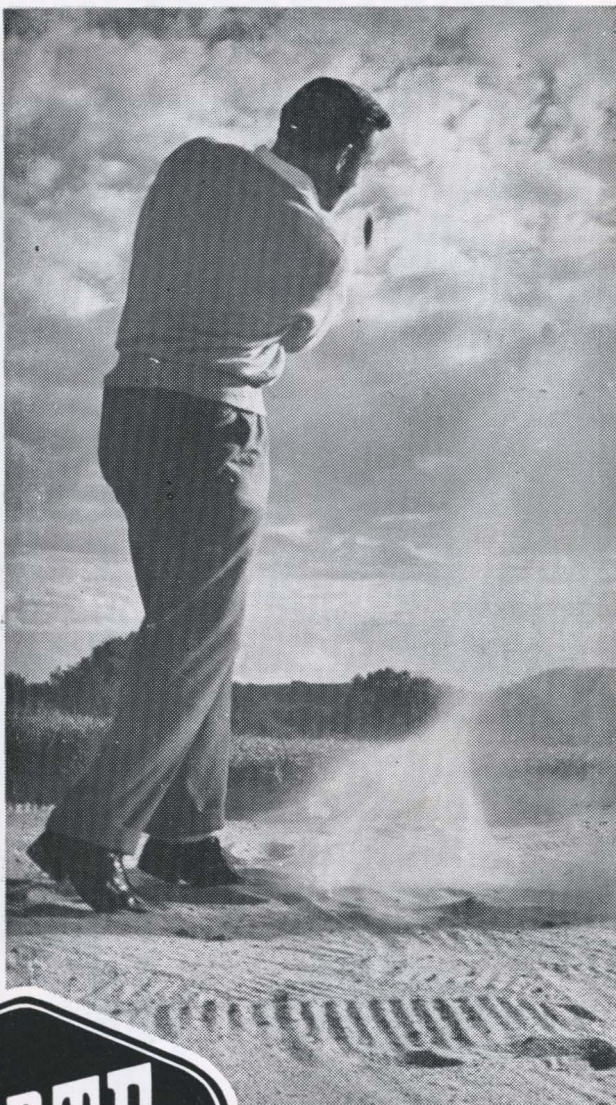
**Regra para  
fotos assim:**

**1.º VOCÊ**

**2.º FILMES**

## FORTE

Já estão à venda em todo o Brasil os Filmes e Papéis Fotográficos FORTE, produzidos pela Forte Photochemical Industry - Vác - Hungria, uma das maiores fábricas européias de material fotográfico. Todo o material Forte produzido para o Brasil é *Tropicalizado*, o que assegura inalterabilidade em nosso clima. Outro detalhe importante: devido a acôrdo com os fabricantes, haverá suprimento contínuo e de qualidade uniforme para o mercado brasileiro.



### FILMES

Finepan }  
Finechrom } 120, 620 e 127

### PAPÉIS FOTOGRAFICOS

Para todos os fins,  
em superfícies:

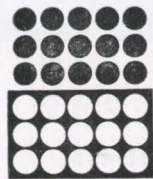
Brilhante - Mate - Semi Mate - Veludo  
Sêda - Royal - Cristal. Graduações:  
Suave - Normal e Vigoroso

*Sociedade Importadora e Exportadora* **SILBRA** *Limitada*

São Paulo: Av. Mercúrio, 50 - sobreloja - Tel.: 33-9630

Rio de Janeiro: Pça. 15 de Novembro, 20 - 4.º - Tel.: 23-1562

*a mais  
alta classe  
em ótica...*



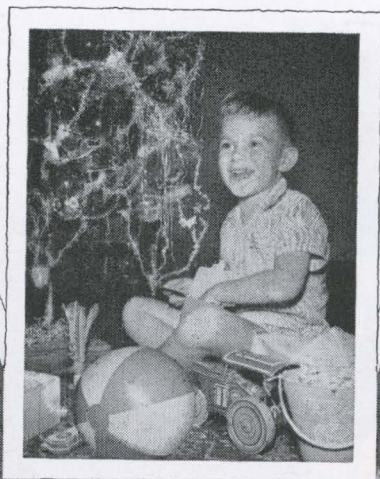
**FOTOPTICA**

Cns. Crisp. 49 - S. Bento 294 - Direita 85

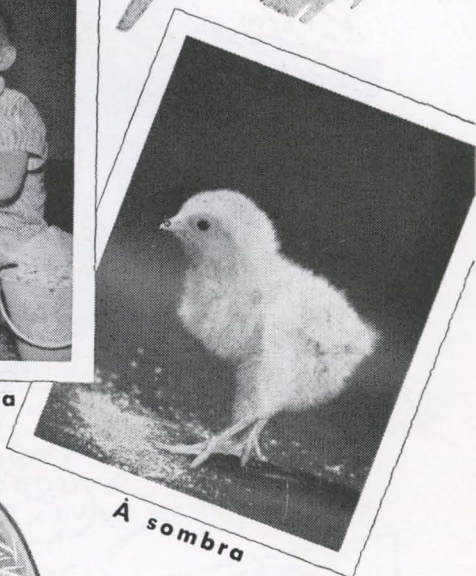
# Para melhores fotos...



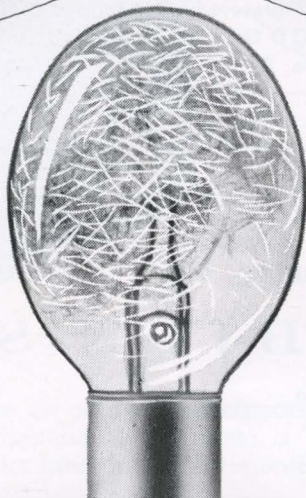
À noite



Dentro de casa



À sombra



46.019

use  
**BULBOS PHOTOFLASH**

GENERAL ELECTRIC S.A.



À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO



PARA MELHORES FOTOGRAFIAS  
**FILMES SAKURA**

Papeis Sakura

NAS BOAS CASAS DO RAMO



Representante p/ todo o Brasil  
**ALGODOEIRA DO SUL LTDA.**  
Rua Boa Vista, 84 6º andar — Tel. 34-3711 - 37-7792  
SÃO PAULO

O MAIOR NOME EM APARELHOS HIDRÁULICOS NO BRASIL

**METALÚRGICA**

**A L B I O N S . A .**

TORNEIRAS

REGISTROS

VÁLVULAS DE DESCARGAS

APARELHOS SANITÁRIOS PARA HOSPITAIS

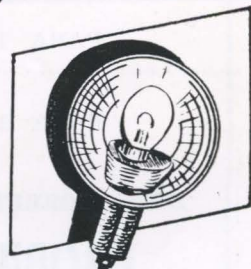
**A L B I O N S . A .**

TELEFONES 5-0262 — 5-0421 — SÃO PAULO



# KAPSA

*fixa para sempre  
o momento  
que passa*



combinando a simplicidade de manêjo das câmaras box com os aperfeiçoamentos mais modernos das máquinas de alto custo, a "KAPSA", é inteiramente produzida no BRASIL pela maior fábrica de instrumentos ópticos da América do Sul

a "KAPSA" apresenta inúmeras vantagens: usa filme 120 ou 620 - fotografias 4-1/2x6 ou 6x9 - objetiva acromática de lentes azuladas - adaptação para Flash sincronizado - tomada para propulsor - roscas para tripé - 3 aberturas - instantâneo e pôse - disparador com trava - visores grandes e brilhantes - fotografias de 1 metro à infinito.

## D. F. VASCONCELLOS

FABRICANTE DE INSTRUMENTOS ÓPTICOS  
4254, Av. Indianópolis — SÃO PAULO

# OTICA FOTO *Moderna*

A casa que oferece o maior sortimento em artigos foto e cinematográficos em geral.

## CÂMARAS E ACESSÓRIOS

Filmes — Papéis — Projetores e Ampliadores.  
Binóculos — Microscópios e Serviços completos de

## Ó T I C A

Moderníssimo Laboratório para revelações de filmes, ampliações esmeradas e artísticas. Revelações de filmes cinematográficos.

Fabricação própria de lentes.

## OTICA FOTO MODERNA

RUA MARCONI, 44 — FONES: 32-9197 e 34-7582 — SÃO PAULO

PARA BOAS FOTOGRAFIAS...

BOAS MÁQUINAS...

PARA BONS NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS...

BONS CORRETORES.

**BONS CORRETORES?**

## IMOBILIARIA J. R. SOARES LTDA.

Rua Cons. Crispiniano, 344 - 3.º - conj. 305 — Tel. 34-4203 — São Paulo



ANTES DE COMPRAR

## HARMONICAS

VISITE A TRADICIONAL

## Casa Meirelles

— de —

ARNALDO MEIRELLES

Rua Mauá, 574

—:—

Fone: 34-8729

—:—

São Paulo

Reserve desde já o  
seu exemplar do

# 1.º ANUÁRIO BRASILEIRO DE FOTOGRAFIA

encadernado: Cr\$ 200,00

brochura: Cr\$ 150,00

Ao  
BOLETIM FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE  
Rua Avanhandava, 316  
SÃO PAULO — BRASIL

Queiram reservar um exemplar do ANUÁRIO BRASILEIRO  
DE FOTOGRAFIA  $\frac{\text{encadernado}}{\text{brochura}}$  para cujo pagamento incluo um  $\frac{\text{vale postal}}{\text{cheque}}$

na importância de.....

Nome .....

Rua .....

Cidade..... Estado.....

Tôda remessa em cheque ou vale postal deve ser feita em nome do  
BOLETIM FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE



O FILME  
do Fotógrafo Exigente

A VENDA EM TODAS AS CASAS DO RAMO



PAPEIS FOTOGRÁFICOS DE FAMA MUNDIAL

a venda em todas as casas do ramo



Diretor Responsável:  
**Dr. Eduardo Salvatore**

Diretor de Redação:  
**Dr. Rubens T. Scavone**

Diretor Comercial:  
**Alberto Scaff**

Correspondentes no  
Estrangeiro:

**Alvaro Sol**  
Argentina

**Marius Guillard**  
Lion, França

**Domenico C. Di Vietri**  
Roma, Itália

**Ray Miess**  
Wisconsin, EE. Unidos

**Georges Avramescu**  
Arad, Rumania

**Tabelas de Anúncios:**

Capa . . . . .	Cr\$ 5.000,00
Contra-capas	Cr\$ 4.000,00
1 página..	Cr\$ 3.000,00
½ página..	Cr\$ 1.800,00
¼ página..	Cr\$ 1.000,00
⅛ página..	Cr\$ 600,00

Redação e Administração:

Rua Avanhandava, 316

Fone: 32-0937

S. PAULO — BRASIL

**SUMÁRIO**

A NOTA DO MÊS .....	13
SENTIDO MODERNO DA FOTOGRAFIA ATUAL ...	14
ANDRÉ THEVENET	
A EXPOSIÇÃO DE MARIA HELENA E HENRIQUE VALENTE DA CRUZ .....	20
BROMÓLEO .....	22
CLAUDIO PUGLIESE	
“TABLE-TOP” .....	28
ROBERTO YOSHIDA	
ONTEM E HOJE .....	36
LITERATURA? NÃO! FOTOGRAFIA! .....	39
MARCEL GIRÓ	
ORIENTANDO O AMADOR .....	45
A FOTOGRAFIA AVANÇA .....	44

CAPA de MARIA HELENA VALENTE DA CRUZ.

Exemplar avulso em todo o Brasil .....	Cr\$ 15,00	
Assinatura anual: (12 números) .....	Cr\$ 150,00	
Sob Registro .....		Cr\$ 200,00
Para o Exterior .....	Cr\$ 300,00	

**ORGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.**

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Tôda correspondência deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

# FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

## ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

## DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

Cr \$

Joia de admissão . . . . . 200,00

Mensalidade . . . . . 40,00

Taxa extra mensal pró-sede própria . . . . . 10,00

Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano .. 600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50% na mensalidade.

★

REVISTA "FOTO CINE BOLETIM" MENSAL

SEDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

S. PAULO, BRASIL

## A Nota do Mês

A fotografia brasileira ocupa hoje, indiscutivelmente, posição de grande relêvo no mundo artístico-fotográfico. Grande número de seus praticantes possuem renome internacional e suas obras figuram, comumente, nos catálogos dos muitos salões de que participam.

São reproduções, porém, por motivos óbvios, sempre esparsas que, evidentemente, não podem permitir uma visão de conjunto do que se faz hoje em arte fotográfica no Brasil e da nossa real posição nesse campo cada vez mais importante de expressão artística.

Já é tempo, entretanto, de se reunir em obra de maior envergadura, os mais valiosos trabalhos dos artistas brasileiros, o que, além de permitir essa visão panorâmica da fotografia brasileira e sua posição em confronto com a dos demais países, servirá, também, para fixar uma fase, uma época da sua evolução.

Dai a iniciativa do Foto-cine Clube Bandeirante de editar, através desta revista, o ANUÁRIO BRASILEIRO DE FOTOGRAFIA. Projeto ambicioso, sem dúvida, mas que se fazia necessário e que, certamente, alcançará o mesmo êxito de suas demais realizações.

Terá o Anuário, por base, os trabalhos admitidos no próximo XV Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, do qual será — assim está programado — a reprodução integral, o que já é uma garantia do valor e da importância dessa obra, conhecidas como são a posição avançada mas ao mesmo tempo eclética dêsse certame e o rigor sempre empregado na seleção das obras inscritas.

O completo êxito dessa iniciativa, todavia, depende, em grande parte, da cooperação e do apoio que lhe darão os nossos afeiçoados e, principalmente, a indústria e o comércio. Contamos com que eles não faltarão.

Junho-Julho, 1956

# SENTIDO MODERNO DA FOTOGRAFIA ATUAL

(Do Boletim da Agrupacion  
Fotografica de Cataluña)

ANDRÉ THEVENET

Em certos casos particulares da fotografia, pode-se entrar desde logo na parte viva do assunto; não será o mesmo neste caso, pois devemos ter em conta as "razões humanas". Não vejo por outra parte muito bem como seria possível ignorá-las, já que se trata de uma atividade que somente o homem pode exercer. Para colhê-lo bem o seu sentido, parece-me impossível examiná-la em campo fechado, como rodeado de paredes que separem umas das outras.

Antes de começar a estabelecer em que consiste a noção do moderno na fotografia atual, é indispensável, a meu ver, compreender bem o sentido do moderno em geral, entender o que é o homem moderno em nossas latitudes, nesta metade de século vinte.

Se tratarmos o assunto sobre um plano extenso isto nos levará longe demais, porém teremos que dizer algumas palavras, pois se chegarmos a entender o que é o homem moderno, o resto da questão não apresentará muitas dificuldades e não encontraremos divergências mais que na forma, porém não no fundo.

Podemos estabelecer, de início, que vamos procurar resolver um problema à luz do conceito que temos do mundo no qual vivemos. Por minha parte — e devo fazê-lo constar desde agora —, tendo o maior respeito pelas ciências exatas, apoiar-me-ei antes na razão que no sentimento, o que condicionará a trajetória do meu desenvolvimento.

Sócrates mostrava-se cuidadoso, antes de discutir sobre um assunto, em precisar o sentido dos termos, em determinar a natureza das coisas designadas pelas palavras. Sigamos este exemplo e tomemos como ponto de partida a definição do conhecido dicionário francês "Larousse", que nos diz: "É moderno o que pertence, o que está de acordo com a época na qual se vive". Seja. Porém como toda definição, é somente o trampolim para um desenvolvimento ulterior.

Desde o princípio, com efeito, tropeçamos com uma grande dificuldade: "o que é que está realmente de acordo com a época na qual se vive?". Tão só esta pergunta precisaria de análise que ultrapassa o quadro deste artigo, mas compreende-se que na realidade é por





"SUBURBANA"

Rubens Teixeira Scavone — FCCB

ai que ter-se-ia de começar, pois a fotografia não representa mais que a fração de um todo e é impossível compreender com clareza o sentido de uma fração antes de ter compreendido o conjunto que a contém.

Outra coisa convém pôr em evidência previamente: para compreender bem o sentido do moderno, o homem também deve ser moderno. Para ser moderno em profundidade, deve aplicar-se em **compreender bem o seu tempo**. Porém, isto pede um grande esforço de vontade; vontade de revisão de conceitos do passado os quais, tendo passado sua época, devem ser abandonados em proveito de conceitos novos geralmente chocantes em razão da parte destrutiva que contém, destrutiva antes de ser construtiva.

Em fim, eis aqui outra questão prévia que me parece impossível omitir se se quer ir ao fundo do problema: trata-se de definir o que é o pensamento tal como hoje em dia se pode explicar e veremos que é por ai que chegare-

mos com mais segurança ao que aqui nos preocupa, isto é, a fotografia.

É possível atualmente enunciar esta afirmação de que **o pensamento está constituído por sinais**. Insisto na palavra "sinal" já que está na base da compreensão do que nos rodeia. Estamos, com efeito, envolvidos por um ambiente de sinais que se manifestam sob os mais diversos aspectos, como, por exemplo, a música, a pintura, a escrita e a linguagem, que são sinais que estão no seu ponto mais alto de desenvolvimento. Nas origens da Humanidade, o pensamento limitou-se a "comunicações" fisiológicas, tais como procriação e a necessidade de alimentar-se; mais tarde, por excitações procedentes de fenômenos naturais como a chuva, o vento, o trovão, etc... Depois de uma prolongada evolução durante séculos que pertencem a uma época da qual não sabemos praticamente nada, o pensamento recebeu uns impulsos exteriores de sinais, tais como os gestos e os gritos e chegou por fim à

faculdade de abstrair-se, por meio da criação desses sinais, que serão mais adiante de uma importância capital na vida moderna e que são, como acima indicamos, o desenho, a música, a escrita e a linguagem. À medida da evolução da civilização vão aparecendo novos sinais que substituem os antigos, e que pesam de diferente modo sobre o pensamento. Os sinais momentaneamente válidos unem-se aos sinais clássicos e é o que constitui através dos tempos a permanência do homem.

Os sinais não são válidos mais que por sua **representação simbólica**. Assim, as pirâmides do Egito, símbolo da potência dos faraós, têm prescrito **o seu valor**. Tão só eram compreensíveis, como símbolos, pelos contemporâneos dos faraós, pelo respeito, o temor e o ódio que inspiravam. Pode-se dizer que eram modernas sob as dinastias de Cheops e a 4.<sup>a</sup>. Para nós não são mais que um objeto curioso.

Dito isto, compreenderemos melhor o enunciado seguinte: **Uma fotografia aparece, pois, principalmente como moderna quando o homem encontra nela sinais que são típicos de seu tempo**. Podem apresentar-se, seja sob o aspecto de **formas** atuais, seja sob o aspecto de **representação de ações**, assim como também por uma combinação de ambas. O sentido do moderno estará assegurado com maior ou menor vigor segundo exteriorize o fotógrafo com mais ou menos força e evidência os métodos e técnicas modernas que tenham concorrido na sua realização. Porém estas condições não representam mais que uma parte do problema, pois por outro lado uma fotografia parecerá objetivamente mais ou menos moderna, segundo sinta o fotógrafo com mais ou menos agudeza o sentido do moderno.

Sempre sobre o plano objetivo, uma fotografia estática tem certas probabilidades de aparecer como moderna quando represente formas que sejam elas mesmas modernas (formas aéro-

dinâmicas recentes, tais como, por exemplo, as de aviões a reação, de aparatos científicos modernos, as construções de um "Le Corbusier", os novos conjuntos urbanos, etc.).

Uma fotografia dinâmica aparecerá como moderna quando represente uma ação que preocupe ao homem, inscrita geralmente no quadro estático moderno, ou também em um assunto violentamente sem força dando a sensação de repugnância. Estes temas são demais numerosos para enumerá-los aqui todos. A título de exemplo, pode-se dizer que é na era do maquinismo na qual o homem está ainda imerso, onde encontra importantes temas de preocupação. Porém já — e em conexão com o precedente — o homem volta os olhos, tão cedo com angústia como com esperança, para a nascente era atômica que é onde encontrará amanhã os sinais predominantes que modelarão seu pensamento e na qual o fotógrafo moderno encontrará uma fonte rica de inspiração.

São igualmente modernas as fotografias que traduzem real e inteligentemente o **movimento**, esta outra palavra-chave moderna. O serão por tanto tempo quanto o homem estiver interessado por este assunto encontrando nele um sinal de atualidade suficientemente importante para que atraia sua atenção.

Outro aspecto do problema é a questão do **ângulo da tomada e da enquadração**. Um e outro estão estritamente condicionados pelo aparelho, esse aparelho fotográfico que tem revelado aos homens a noção da **instantânieidade**. Antes de sua aparição, certos ângulos de visão eram desconhecidos, por uma razão importante que se tende demais a esquecer. O olho humano, que a miude se compara com o aparelho fotográfico, se diferencia, entretanto, por este traço essencial: não é capaz de abarcar mais que um ângulo de visão que varia de 4 a 6 graus, enquanto que a objetiva foto-

gráfica normal cobre 50 a 60 graus. O olho suplanta este inconveniente por uma grande mobilidade. A novidade do ângulo de visão fotográfica foi explorada em seu tempo por Degas, fotógrafo durante algum tempo, que não conseguiu compôr e enquadrar algumas de suas telas senão depois de ter feito alguns esboços fotográficos.

Esta técnica o levou a realizar numerosos quadros tão modernos para sua época, que foram incompreendidos pelo público e até para os entendidos de então.

O aparelho fotográfico que nos tem dado também a faculdade de ver e executar as imagens sob ângulos e posições inconcebíveis para o desenhista por causa de sua incomodidade,

tais como as tomadas ao rés do chão ou subido numa árvore ou nas superestruturas de uma ponte, ou ainda melhor, tomadas de avião e, recentemente, de helicóptero. Graças a este engenho pode-se, ademais, fazer uma fotografia das citadas pirâmides do Egito sob um novo ângulo de visão, que lhe dão um aspecto moderno, porém de natureza superficial e quase abstrata. Assim, uma vista do alto dèsses monumentos não teria nenhum sentido para os antigos egípcios e lhes teria sido inclusive impossível imaginá-la, uma vez que a faculdade de elevar-se pelos ares estava então unicamente ao alcance dos pássaros.

Já que tratamos do vôo pelos ares não se pode impedir de pensar nessa extraordinária e inesquecível fotografia



de uma parte de nossa terra, tomada automaticamente com um foguete e na qual via-se, pela primeira vez na história do mundo, objetivamente, a curva do horizonte terrestre. Essa fotografia, além de seu prodigioso interesse documentário, contém ainda outro sentido, também importante: o de atrair nossa atenção sobre essa ciência ultramoderna de amanhã que se chama "cibernética", ciência, cujos alcanços são insuspeitáveis. Esta imagem não é a primeira nem a única que se tem tomado com um dispositivo de disparo a distância, graças a intervenção de aparelhos electromecânicos complicados. Porém nos permite melhor que nada compreender a importância dos órgãos de telecomando, esses cérebros artificiais que em casos dia a dia mais numerosos, substituem a intervenção direta humana.

Devemos, como fotógrafos, estar insatisfeitos porque este documento tenha podido ser realizado sem que a mão humana estivesse presente no momento do disparo? Não o creio assim. O mérito do homem não tem diminuído, muito pelo contrário. Suas atividades, submetidas a novos sinais que ele tem criado, tomarão simplesmente outro caminho. Antes melhor, regosijemo-nos, pois, de que a "cibernética" esteja em condições de libertar o homem de certos feitos que os "robots" farão tão bem se não melhor e que lhes deixarão tempo livre para procurar novas invenções.

Outra fotografia, dramática, intensamente moderna, é a da explosão atômica. Há o perigo de chegar a ser outro símbolo, uma nova e amedrontável fonte de preocupações.

Eis aqui, a meu vêr, rapidamente esboçados, os critérios principais do sentido do moderno fotográfico em profundidade. Porém não nos referimos mais que a estes e creio inclusive que não é neles que se pensa em primeiro lugar quando se aborda rapidamente o assunto. Fixar-se-ia antes em outros fatores que eu chamaria modernismo, por natureza superficial e geralmente de curta duração, tais como, por exemplo, as enquadrações ou ajustes insólitos que tenham um caráter de exageração ou também pela prevenção que se pode ter em algum momento por determinado tipo de papel fotográfico. Aproveito esta ocasião para afirmar uma vez mais que o único papel realmente fotográfico é o da superfície lisa, brilhante ou esmaltada. A razão é clara; só este reproduz bem objetivamente as realidades registradas pela objetiva fotográfica. Os papéis com grão ou de diversas tintas não são mais que lamentáveis sobrevivências de um passado todavia próximo em que a fotografia pretendia ainda imitar o desenho e a pintura.

Eis-me aqui agora desembaraçado do chumbo das realidades, da parte essencialmente objetiva do problema e me sinto mais leve para abordar o lado subjetivo. (Continua)

---

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-Cine Clube Bandeirante ★

---



**"RETRATO"**

**Tufy Kanji — FCCB**



“O HOMEM E O MAR”

## *A Exposição Maria Helena e Henrique Valente da Cruz*

Lado a lado, sem todavia constituir réplica antagônica ou análise comparativa, expuzeram fotografias e desenhos, Maria Helena e Henrique Valente da Cruz, demonstrando assim que ambos os meios de expressão constituem inegável manifestação artística.

Maria Helena não é desconhecida entre nós, pois mais de uma vez tivemos oportunidade de ver seus trabalhos exibidos em salões internacionais.

Valeu-se da objetiva como instrumento de trabalho e auxiliada por uma visão precisa fixou flagrantemente de viagem, deixando transparecer visivelmente sua capacidade criadora.

Desde as escadas do **metrô** até às janelas de Montparnasse, da necessária torre Eiffel esgarçada nas brumas até a balbúrdia mal cheirosa de **Les Halles**, viu e sentiu Paris, dando ao que viu uma ordenação personalíssima.

Do velho Portugal nos trouxe imagens novas e transbordantes de luminosidade. Lá encantou-se com o presépio que é Nazareth e fotografou aquelas velhas de roupagens negras, dialogando com o oceano, como pitonisas interpretando vaticínios ou como carpideiras lastimando os colhidos pelo mar.

E tudo isso nos deu com aspecto informal.

Ângulos novos e ousados, como o "Homem e o Mar", e largo sentido de humanidade, como nos estudos das figuras do povo.

Henrique Valente da Cruz, seu esposo, já trilha em caminho diverso.

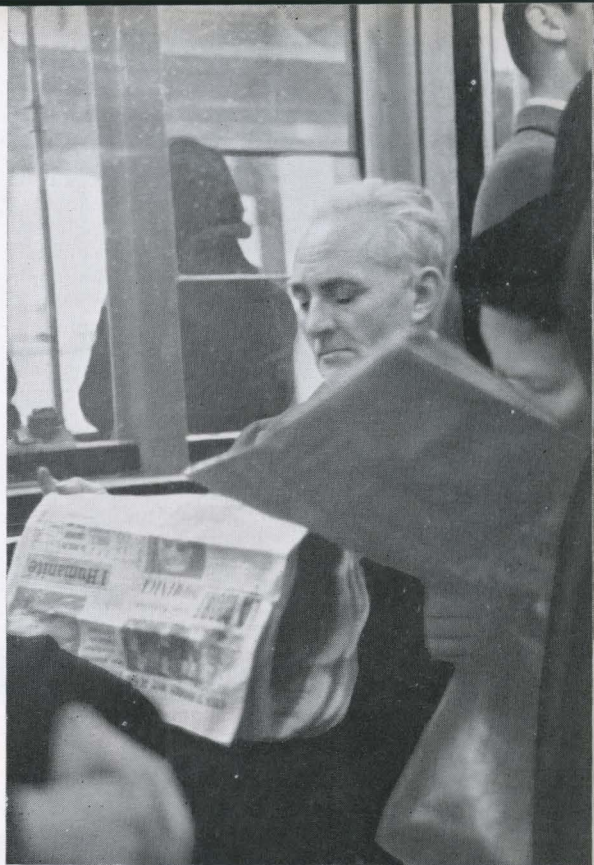
Ao contrário da objetiva lança mão do lápis, do carvão, ou então de novos grafismos.

Seus desenhos antes de mais nada revelam inegável espírito de pesquisa, fator êsse preponderante em matéria de arte. É certo que não possui ainda características próprias e mesmo um rumo determinado. Todavia, pelo que foi exibido, verifica-se que já passou por mais de uma fase e de uma tendência. Figuras expressionistas com carrancas de Nolde ou de Munch, grupos familiares com a mesma linha esguia e sinuosa de Henry Moore, gatos e mulheres onde se observa nítida influência picasseana.

E mais longe ainda foi o artista. Com as "Composições" envereda para um abstrato dos mais puros cujo exagêro irá dar inegavelmente nos domínios de Klee ou mais ainda pelos limites imponderáveis de Max Bill.

É inegável que o desenhista não encontrou ainda o seu caminho exato, mas de tôdas as pesquisas e fases já passadas, pode-se indubitavelmente sentir e extrair uma rara sensibilidade e um inegável poder de criação, poder êsse visível em quase todos seus trabalhos.

R. T. S.



"NO METRO"



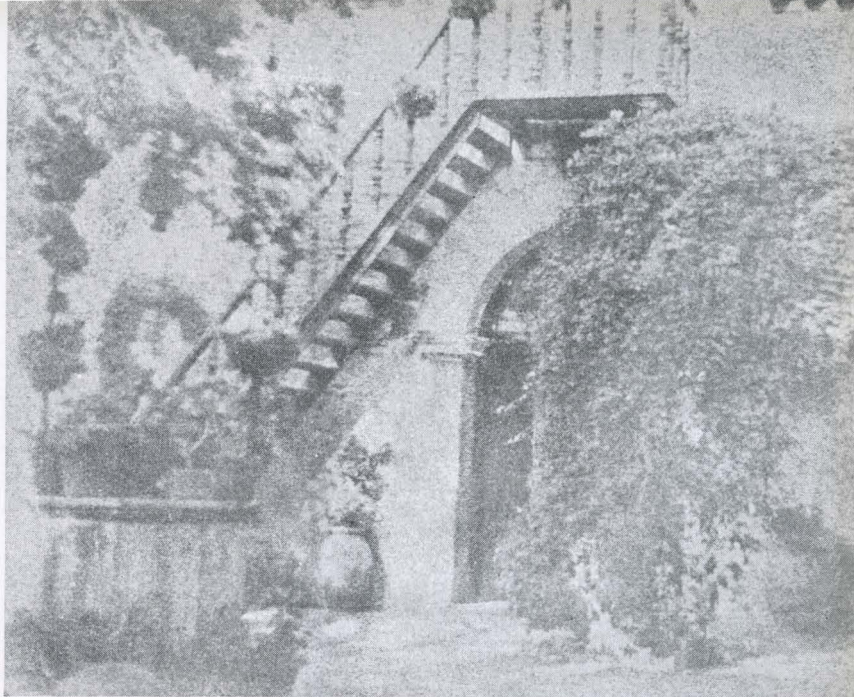
"LES HALLES"

"CENA N.º 1"

Antonio Ferreira F.º — FCCB







# B R O M O L E O

TEXTO E FOTOS DE

**CLAUDIO PUGLIESE — FCCB**

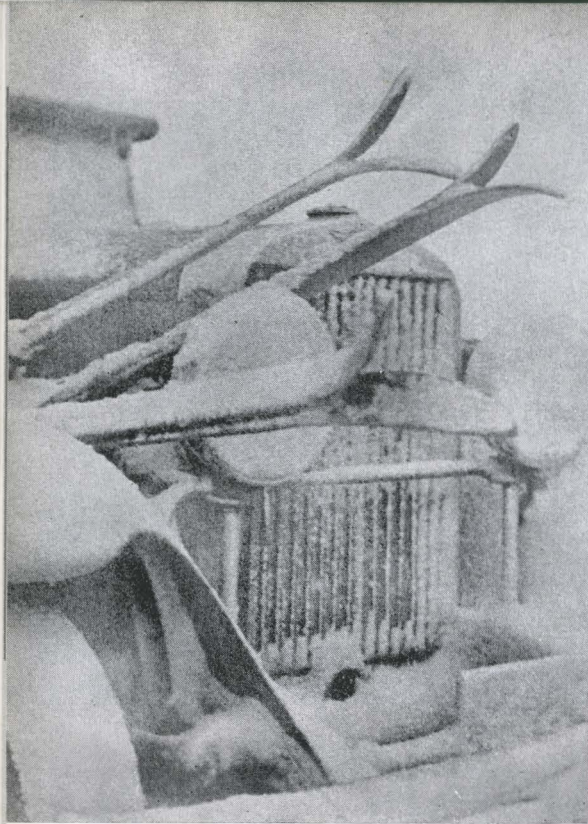
Eis um processo fotográfico que parece assustar muita gente e por diversos motivos. Não é mais usado, já está no capítulo da história, diz a maioria; bem, no mundo sempre haverá saudosistas, o romântico, o poeta, o sonhador; há ainda quem gosta das valsas vienenses, porque não há de haver quem goste do bromóleo? Ademais a atualidade ou não de um trabalho de arte não está no processo de sua execução e sim no seu conteúdo, nos seus motivos, nas suas formas etc.

É um processo difícil e muito trabalhoso, dizem outros, e exige grande paciência. Mas em tudo entra em jogo a paciência com maior ou menor intensidade. Saber esperar é uma das virtudes do bom fotógrafo.

Diga-se além disso, em abono do bromóleo, que esse processo permite jogar com cores lindas, quentes, frias, com superfícies aveludadas ou vigorosas,

tudo dependendo do gosto e da sensibilidade do operador.

Aqui no Brasil tivemos diversos amadores que trabalharam bem em bromóleo, e pelo mundo afora ainda há muitos cultores deste processo, cujos trabalhos figuram em importantes salões internacionais; entre outros, podemos citar, Humberto Zappa, Alejo Grellaud, Isidoro Kitzler da Argentina, Nicolas Yarovoff e Carlos Sarraco, do Uruguai, Angel de Moya, de Cuba, René Jentgem, do Luxemburgo, Vial Lockinton, da Inglaterra, J. E. Borrenberger, da Bélgica, Rudolf Sulke, da Austria, J. Schaezman, da Holanda, Franco Mannassero, Peretti Criva, da Itália, Antonio Campanã, Henrique Arnaz, da Espanha. No Brasil, Guerra Duval e Djalma Gaudio, já falecidos, Valêncio de Barros, Guilherme Malfatti, e outros. Nomes estes, colhidos assim de memória, pelo que vemos que muitos são ainda os cultores do bromóleo.



\* \* \*

Não vou descrever com minúcias o processo, mas dar uma breve descrição, em linhas genéricas para ilustração dos leitores.

Feita uma ampliação de um bom negativo, em papel cloro-bromuro revelado em metol-hidroquinone, fixa-se em hiposulfito bem fraco e fresco e lava-se o maior tempo possível. Não se deve usar interruptores ou endurecedores. Esta ampliação pode ficar secando quanto tempo se desejar e no estado de uma fotografia comum.

Passado algum tempo, digamos uma semana, molha-se a fotografia por uns 10 minutos, deixa-se correr a água e a colocamos em um **banho clareador** (chamado pigmentador). Este banho consiste em:

sulfato de cobre .....	10 gramas
bromureto .....	8 "
bicromato de potássio	1 grama
ácido clorídrico .....	10 a 15 gotas
água .....	1 litro.

Este banho serve para 6 a 8 folhas de papel 30x40 cts.

Deixa-se a cópia neste banho aproximadamente 5 minutos, sempre agitando; a cópia torna-se então clara, com uma côr amarelo-verde sujo. O banho atua na prata coloidal do papel, eliminando-a dos brancos da fotografia; portanto, ficará um papel que perdeu a prata dos brancos, permanecendo ali somente a gelatina. Onde havia porém os pretos ou meias tintas, embora clareados como se tornam, ali permanecerá a dureza da prata. Simplificando: onde somente há agora gelatina, quando do banho posterior absorverá água; onde a gelatina foi impressa e não perdeu a dureza, não absorverá água.

Tirada pois a cópia do banho clareador ou pigmentador, deve-se lavá-la pelo menos 40 a 60 minutos e em seguida levada a um **banho fixador** de:

hiposulfito .....	100 grs.
metabisulfito .....	10 "
água .....	1.000 cc.





Neste banho, a côr amarelo-verde sujo desaparece. A duração dêste banho deve ser de 10 minutos e em seguida lava-se durante uma hora em água corrente.

Pode-se fazer digamos 6 a 8 ampliações para aproveitar êstes banhos, com o que teremos um trabalho aproximadamente de 3 horas. A luz usada no laboratório é a comum, alaranjada ou verde-amarleca. Se fôr dia, a própria luz solar, velada em semi-penumbra.

Tiradas as cópias da última lavagem e postas a secar, podem ficar neste estado por muito tempo, sem nenhum prejuizo. O autor as usa sòmente depois de uns 15 dias e mesmo depois de 60 dias, com melhor resultado das cópias recém tratadas.

Para a entintagem que se segue, e com a qual se obterá novamente a imagem, molha-se a cópia até ficar plana, sendo depois colocada em água quente — 30—35° — com 4 a 8 gotas de amoníaco. Aqui a cópia tomará água nas partes brancas, percebendo-se um relêvo, uma inchação na gelatina, mais ou menos acentuada. Tira-se a cópia do banho, colocando-a sôbre

um vidro grosso. Enxuga-se com o máximo cuidado, usando panos macios e limpos. A tinta — tinta litográfica — é fácil de adquirir em qualquer litografia. Para ser usada a tinta deve ser amolecida com essência de terebentina, espanhando-a em um vidro liso e usando uma faca de pintor. Os pincéis devem ser bons, com 3 a 4 centímetros de diâmetro, de pelo macio médio e com uma inclinação de 1½ centímetro de lado já é bastante (**pie'd de biche**). Para molhar o pincel bate-se na tinta, depois iguala-se e uniformisa-se tirando com repetidas batidas ao lado, o excesso de tinta, e em seguida bate-se sôbre a cópia; esta vae tomando e absorvendo mais ou menos tinta conforme a densidade da humidade da cópia; isto porque, sendo a tinta gordurosa, ela adere mais nas partes sêcas do que nas partes úmidas. Com um pouco de prática isso se realiza facilmente. Estando a cópia tôda entintada, retira-se com uma pinça ponteaguda as cerdas que porventura se tenham desprendido do pincel.

A secagem da cópia processa-se com alguma demora — entre 15 a 30 dias; estando a tinta sêca, pode-se retocar a

cópia, retirando-a com a faca de retoque nos pontos necessários.

Há uma variação do bromóleo: o bromóleo transportado. Depois de entintada a cópia, toma-se uma cartolina própria para aquarela ou desenho, e servindo-se da cópia entintada de fresco como um clichê, estampa-se na cartolina, fazendo-se pressão com um rôlo

de borracha. A tinta adere ao novo suporte e a fotografia com um efeito muito bonito.

Eis em linhas gerais, como se faz um bromóleo. O autor está á inteira disposição dos colegas e afeiçoados, para qualquer esclarecimento sôbre êste e outros processos semelhantes, como a goma bicromatada, resinotípica, etc.

## "TROFEU BANDEIRANTE"



O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE instituiu o "Trofeu Bandeirante" como o prêmio máximo da fotografia paulistana.

Magnífica obra escultórica, em bronze, com 0,25 cts. de altura, sôbre pedestal de mármore, evocativa das legendárias figuras dos desbravadores do Brasil, especialmente executada para êsse fim pelo escultor Prof. Vicente Larocca, destina-se a premiar, todos os anos, aquêles artistas fotógrafos filiados ao FCCB que obtiverem o primeiro lugar na classificação anual dos salões nacionais e estrangeiros, assim como nos concursos internos em branco e preto e em côr na categoria "senior", que é a mais alta que o concorrente pode atingir.

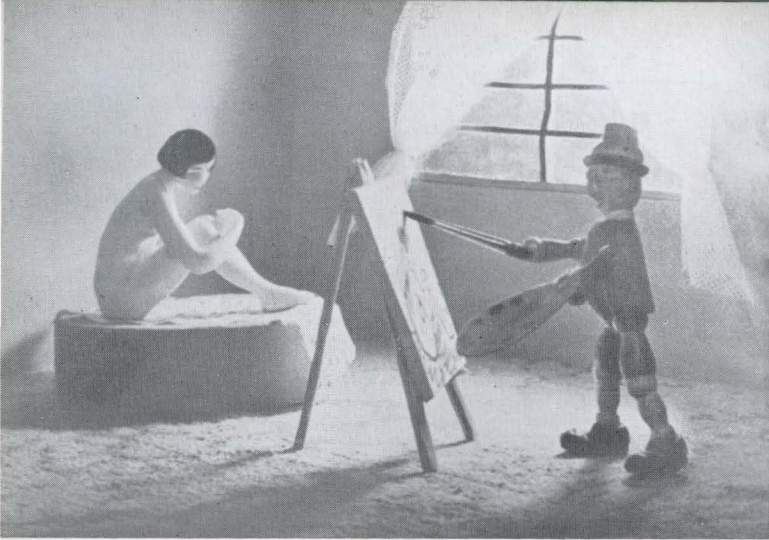
O valioso trofeu foi conquistado, em 1955, pelos Srs. Eduardo Salvatore (1.º colocado nos salões e em branco e preto), Marcel Giró (também colocado em branco e preto, empatado com Salvatore) e William Brigatto (1.º colocado em "côr") que foram, assim, os primeiros a inscrever os seus nomes entre os vencedores do "Trofeu Bandeirante" que, por certo, se tornará logo famoso e objeto de renhida e amistosa disputa entre os afeiçoados "bandeirantes".

No clichê ao lado, uma reprodução do "Trofeu Bandeirante".



"HEINZ"

Bernardo Meyer — FCCB



1 — "MODELO"

# "Table-Top"

ROBERTO H. YOSHIDA—FCCB

"Table-Top", como o próprio nome diz, significa fotografia sôbre a mesa. Naturalmente, pode-se fazê-la no chão ou em qualquer outra parte, dependendo, é claro, da conveniência do "table-topista". Poderá, neste particular, parecer-se com "natureza morta"; todavia, em "Table-Top" há vida; há uma miniatura do mundo, daí a razão porque, neste gênero de fotografia, sou de opinião, que os assuntos sejam, de preferência, temas de humor, de drama, de sentimentos e de espírito. É bem verdade que existem "table-topistas" que adotam a paisagem em "Table-Top", porém, a meu ver, despertam menos interesse aos cultores desta página de arte.

"Table-Top" deve ter fins elevados e assuntos que dificilmente sejam encontrados na realidade da vida, senão em suas realidades subjetivas, pela quase impossibilidade de tacto. Sômente o "Table-Top" pode alcançá-los com êxito...

Nota-se, que nestes últimos anos a fotografia muito progrediu, principalmente, em técnica de laboratório. "Table-Top" por ser criação, digamos, recente, muito ganhou com isto; porém, em compensa-

ção, muito poderá contribuir para o desenvolvimento do campo técnico e estético da arte fotográfica, dado o seu cunho altamente criador, pois, assuntos, composição, execução, iluminação, tudo, enfim, é o "table-topista" quem cria. Ele não se limita apenas em captar o assunto.

Nós, os amadores do "Table-Top", temos muito mais que pensar e estudar, tornando a arte mais trabalhosa. Entretanto, redobramos, com isto, nosso interesse, desvendamos novos horizontes e, ainda mais, contribuimos com novas técnicas no desenvolvimento dos demais gêneros da fotografia...

Constantemente ouço de amigos: "Table-Top" é só para você". "É questão de paciência". Vejo-me, assim, forçado, com a permissão desses amigos, a negar essas bondosas palavras, pois elas não bem refletem a verdade: A procura de assuntos ou de idéias não é questão de paciência, porquanto, qualquer pessoa com idéias interessantes e, de posse do mínimo indispensável à sua execução, poderá realizar "Table-Top", que não é coisa demorada, nem que nos esgote a paciência. Ao contrário, é esperança de realizarmos

2 — "CAMPEÃO DE SKI"



uma obra prima, é estudo, voluntário, da alma das mínimas coisas, é, enfim, o paroxismo das sensações do fotógrafo, que alcançam o seu grau máximo de sensibilidade artística.

Continuemos porém... O ponto mais importante está no assunto ou idéia. Estes, pode-se obtê-los pela simples vista de um objeto, de um acontecimento ou mesmo pela imaginação criadora. Digamos, por exemplo, que à vista de uma bonequinha, um fotógrafo tenha formulado, na idéia, um assunto para fotografar. Ou então, tendo um assunto, cria uma bonequinha de pano, de papel ou de barro. O interessante de ser visto, será o desejo que êle terá de iniciar a obra imediatamente, pois, a criação do ambiente e dos demais detalhes técnicos não serão coisas difíceis de serem conseguidas. Sempre encontrar-se-á uma maneira de solucionar êstes problemas, que são de ordem secundária.

Disto tudo depreendemos um fato peculiar, qual seja, que antes de iniciarmos o "Table-Top", já sabemos mais ou menos, o que vamos realizar, inclusive, se quisermos, titulando a obra imaginária, o que nem sempre é possível em outras artes, ou mesmo no campo da fotografia em geral.

Também costumo ouvir: "Suas figuras ("Table-Top") parecem reais! Ora, isto não é um fato importante, nem mesmo o motivo em mira. As figuras podem parecer ou não com personagens verdadeiras... Verdadeiramente, o importante é o assunto, como já disse. Deve-se dar, isto sim, ao assunto, vida, alma, sentimento, dra-

ma, humor, etc.. Eis porque, sempre escolho assuntos assim relacionados, principalmente, aqueles que transparecem humor, às vezes um pouco picantes, porque despertam mais curiosidade.

Quanto ao material que cria o ambiente (o céu, o mar, a lagoa, o bosque, a rua, o campo, o interior da casa, o sol (fraco ou forte), a lua, a cena noturna, a manhã com neblina, etc.), não apresenta dificuldade como a criação dos assuntos e principais figuras. Tentaremos explicá-los; porém, antes, torna-se necessária uma pequena observação técnica sobre máquinas fotográficas e acessórios.

As máquinas, preferíveis em "Table-Top" são as de fole ou do tipo reflex. Uma máquina tipo Rolleiflex necessita de uma lente de aproximação, não muito forte — geralmente Rolleiparkeil n.º 1 — que não só diminui a distância, como também a profundidade de foco. Para prolongar a profundidade fecha-se o diafragma e aumenta-se o tempo do obturador (via de regra: 1 segundo). Dado o tempo prolongado, deve-se utilizar o tripé para uma perfeita execução. Dos acessórios, na iluminação, temos que usar, quase sempre, 1 "stop-light", 1 "photo-flood", 1 lâmpada comum de 60 ou 100 Watts.

Com estas rápidas considerações, voltamos ao assunto dos materiais que criamos os ambientes: Cartolina, em tamanho grande, de várias cores, nos pode sugerir o Céu, o interior de uma casa, etc.. O papel celofane, para imitar a água. E, assim por diante, com retalhos de pano, pedaços de madeira, galhos de plantas,



3 — "EPA!"

areia... Exemplificando: para formar o chão ou o campo, pode-se usar areia; para o fundo das cenas, cartolina cinza; o Céu, cartolina azul; as árvores, fôlhas miudas de plantas; a neve, o sal ou o talco; as águas, o celofane, o espelho ou o vidro; e assim numa seqüência interminável de exemplos que, além da impossibilidade de enumerá-los todos, ainda trariam ao amável leitor o inevitável aborrecimento. Portanto, julgo mais oportuno positivar alguns exemplos ao longo das fotos aqui ilustradas:

**Figura N.º 1 — "Modêlo":**

A figura de mulher é de louça, com altura de 6 cms. e a do pintor é de madeira. A parede foi feita com cartolina cinza, dobrada ao meio, onde foi recortada uma janela e colocada uma cortina de filô. O chão, como no caso, foi formado com meu tapete de cama. A iluminação: 1 "photo-flood" n.º 2, colocada do lado externo, junto à janela; na frente uma lâmpada comum de 100 Watts. A distância entre a máquina e as figuras é de 40 cms. mais ou menos. O diafragma foi fechado até f-22, com o tempo de 1 segundo. Foi utilizada uma lente de apro-

ximação. Como regulamento básico, observe-se a impossibilidade de jogar com duas luzes iguais no assunto, que viriam criar duas sombras. Portanto, a luz auxiliar deve sempre ser bem mais fraca que a principal, pois, sua função é de clarear, normal e simplesmente, a parte de sombra.

**Figura N.º 2 — "Campeão de Ski":**

O monte é de areia, com um pouco de talco espargido e o fundo é composto com cartolina azul. Note-se que a figura é a mesma do assunto anterior (n.º 1 — Pintor) e a fumaça é de algodão, iluminado no sentido de contra-luz, pois, caso contrário, deixaria de parecer-se com fumaça.

A pequena elevação, que vemos ao lado esquerdo do monte, dá à foto um interessante sentido de profundidade que a melhora bastante.

Relativamente à distância e preparação da máquina, tanto nessa foto, como nas demais que se seguem, são sempre iguais, isto é, distância de 40 a 50 cms. e utilização da lente de aproximação. Convém observar bem este assunto, pois dispensarei, daqui por diante, sua repetição.

Encontrando-se a cartolina (que forma o Céu) mais afastada da mesa (onde se encontra as demais peças da foto), proporciona-nos o ensejo de colocarmos uma "photo-flood" na região intermediária entre a mesa e o Céu, o qual, iluminado no sentido de baixo para cima, provoca uma iluminação gradativamente menor e no mesmo sentido, o que imprime maior naturalidade ao Céu.

**Figura N.º 3 — "Epa!":**

A moça é uma boneca de massa, com altura de 20 cms., e o cavalheiro é de feltro, com 8 cms.. O solo é de cartolina, superposta por uma fôlha de papel celofane. A iluminação defronte é normal, e, a mais forte, parte da esquerda, com um ângulo de 70 graus. O fundo é de cartolina cinza, sem iluminação direta.

Além do negativo do assunto, foram pintados em um vidro polido e transparente (com tinta preta), os riscos de chuva no sentido desejado, cujo vidro funciona, também, como negativo. Depois juntam-se os dois negativos, tomando-se, antes, o cuidado de intercalar, entre ambos, outro vidro polido e também transparente, a fim de desfocar os sinais de chuva, o que lhes dá maior naturalidade. Levam-se os mesmos à ampliação.



Aparentemente, a grande diferença entre as figuras poderá parecer, a primeira vista, desproporcional, porém, assim foi feito com intuito de imprimir ao quadro um grande e interessante efeito de perspectiva.

#### Figura N.º 4 — “Êxtase”:

Figura central: boneca de vidro com 12 cms. de altura. Base de areia; dois galhinhos de avenca e fundo de cartolina preta. Iluminação do ambiente, de frente, com uma lâmpada comum de 100 Watts. Iluminação principal da esquerda para a direita foi feita com “spot-light”.

A parte mais interessante desta foto prende-se ao raio de luz: pintou-se em cartolina preta um raio de luz (com tinta branca), o qual teve a mesma direção da iluminação principal criada pelo “spot-light”. Tirou-se uma foto do mesmo, desfocalizando-o, porém, nesse ato. Como se nota, foram batidas duas fotos: uma do assunto e outra do raio de luz; juntam-se os dois negativos depois leva-se à ampliação.

Poderão os caríssimos leitores observar que, para êstes trabalhos, melhor se adaptam as máquinas do tipo reflex ou fole.

#### Figura N.º 5 — “Contos do Bosque”:

Figuras de vidro, com 7 cms. de altura; solo de areia; árvores de galhos de eucaliptos (4 a 5 cms. de diâmetro). Joga-se uma luz comum de frente e outra com “spot-light”, da esquerda com 70°. O nevoeiro conseguido foi, para mim, motivo de dupla satisfação, já que o consegui com o sôpro da fumaça de cigarro: a primeira pelo efeito alcançado na foto e, a segunda, por ter aproveitado o ensejo para uns saudosos traguinhos.

Lembro, em tempo, que no caso das figuras n.º 4 e 5, utilizei um “spot-light” de 500 Watts, antepondo-lhe uma “tampa”, com um orifício de 5 cms., o que circunscreeveu o diâmetro do foco de iluminação. Diminuiu-se e tornou-se mais adequada, com isto, a iluminação.

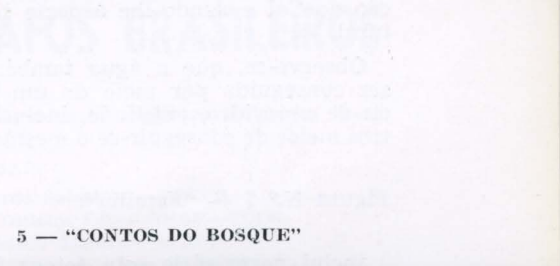
Note-se que, quando se desejar fazer iluminação solar, para cenas ao ar livre, deve-se dispersar a luz por igual, o que se consegue retirando o vidro de difusão do “spot-light”.

#### Figura N.º 6 — “Lagoa”:

A figura principal é a mesma da figura n.º 5. A água é de papel celofane; o



4 — “EXTASE”



5 — “CONTOS DO BOSQUE”





6 — "LAGÔA"

fundo, de cartolina azul; a iluminação é de dois "photo-flood", no sentido de contra-luz; o sól, um pedaço de cartolina branca, recortada e colada na cartolina do fundo. Com um "spot-light" de diaphragma fechado ilumina-se apenas o Sól. Entre as figuras e o fundo há um espaço de 50 cms., proporcionando a desfocalização do Sól e dando-lhe aspecto bem natural.

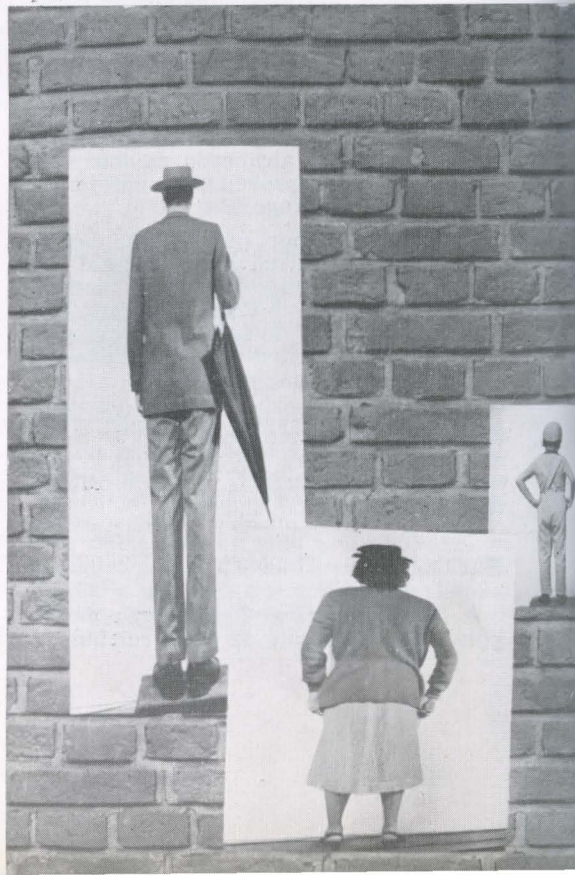
Observe-se, que a água também pode ser conseguida por meio de um espelho ou de um vidro, existindo, inclusive, outros meios de conseguir-se o mesmo efeito.

**Figura N.º 7 — "Família":**

Inclui nesta série esta fotografia, que não é propriamente "Table-Top"; porém, seus aspectos técnicos são interessantes e podem ser aproveitados em diversos casos de "Table-Top". O fundo, como se nota, é o "muro" de uma casa. Foram depois feitas três fotografias: "Pai", "Mãe" e "Filho", normal e separadamente. No ato de ampliar as fotografias, (um negativo de cada vez) foram colocados no ampliador em estado normal; entretanto, o papel sensível, das fotografias do "pai" e da "mãe", foi colocado em declínio, permitindo, assim, o alongamento da imagem no papel sensível, respectivamente, no sentido de comprimento e largura. A lente foi fechada no mínimo, para aumentar o foco e, assim, dar maior nitidez ao

corpo todo. Note-se que, no caso, a parte mais próxima do ampliador deveria estar mais queimada; entretanto, tal não ocorreu, pois praticou-se um anteparo entre o ampliador e o papel, distribuindo-se, desta forma, a luz por igual. A foto do "filho" é absolutamente normal.

Findas estas operações, colam-se as três fotografias sobre a fotografia do "muro"



7 — "A FAMÍLIA"

e torna-se a bater uma nova fotografia do "conjunto", completando-se, com esta, uma série de 5 fotografias, quais sejam: "muro", "pai", "mãe", "filho" e "conjunto". Recomenda-se para êstes trabalhos o uso de papel brilhante, que empresta maior nitidez à fotografia.

Poderão alguns leitores objetar sôbre êste trabalho, taxando-o de antiquado, por tratar-se de fotos recortadas ou superpostas. Lembro, todavia, que, em "Table-Top", como já tive oportunidade de referir-me no início dêste desprezencioso trabalhinho, o fato de se encontrar figuras adequadas, constitui um problema que apresenta alguma dificuldade. Existem mesmo "Table-topistas", que, em vista dessas dificuldades tomam de modelo com trajes e estilo peculiares a fotografia que desejam tirar. Depois, recortam as figuras e substituem-nas por bonecos. Não deixam, por isso, de ser interessantes e por vêzes temos apreciado trabalhos excelentes.

Portanto, caros leitores, ao delinear o fim dêste, pequenino trabalho, devo perguntar-lhes, se perceberam que há várias maneiras e sistemas de fazermos "Table-Top". Há! não é?... Não direi, entretanto, qual seja o melhor. Aquêles que tentarem fazer "Table-Top" é que deverão escolhê-lo. O importante é começar... e conseguir, sem dúvida um trabalho brilhante!

"Table-Top" é dos gêneros mais novos da fotografia; "brotinho" ainda, mas com um grande futuro pela frente. Vamos com isto, leitores amigos, tentar um "Table-Topzinho"? Vamos... ânimo! Nestes dias péssimos, escuros e frios, que nos convidam a ficar em casa, porque não tentar. Não é difícil, nem necessário ter muita paciência... bastará um pouco de vontade para que eu me sinta recompensado e contente. Óra! se um dos leitores apresentar um "Table-Top" ficaria imensamente satisfeito.

## A "FIAP" AGRACIA FOTÓGRAFOS BRASILEIROS

A "Federation Internationale d'Art Photographique" (FIAP), no congresso de Barcelona, decidiu conferir distinções àquelas pessoas que, nos vários países a ela filiados, se distinguiram na difusão e aperfeiçoamento da arte fotográfica, distinções que, após a necessária regulamentação, ficaram assim estabelecidas:

a) "Honneur Excellence FIAP" — (Hon. EFIAP) — o mais alto título conferido pela FIAP e cujo número não poderá ultrapassar de cem em todo o mundo. Sômente poderá ser concedido por decisão unânime da Diretoria e da Comissão Artística da FIAP, a quem tenha contribuído de forma extraordinária e de repercussão internacional ao desenvolvimento da fotografia e da arte fotográfica.

b) "Excellence FIAP" (EFIAP) — aos autores que se distinguirem pelo seu grande valor artístico e qualidades técnicas, ou como dirigentes de Clubes, ou por pesquisas e trabalhos em pról do progresso da fotografia.

c) "Artiste FIAP" — (AFIAP) — conferida a fotógrafos amadores ou profissionais cujos trabalhos, depois de pelo menos cinco anos, demonstrem grande valor artístico e técnico.

\* \* \*

A FIAP vem de comunicar oficialmente à Federação Brasileira de Fotografia que, por decisão da sua Diretoria e Comissão Artística, fo-

ram distinguidos os seguintes fotógrafos brasileiros:

HON. EFIAP:

Eduardo Salvatore — FCCB  
José Oiticica F.<sup>o</sup> — ABAF—FCCB  
Francisco Aszmann — ACF  
Jaime Moreira Luna — SFF.

EFIAP:

José V. E. Valenti — FCCB  
Jaime Holanda Tavora — FCCB—ACF  
Pedro Calheiros — ABAF—FCCB.

AFIAP:

Arnaldo M. Florence — FCCB  
Alfio Trovato — FCCB  
Angelo F. Nuti — FCCB  
Aldo A. Souza Lima — FCCB  
Jacob Polacow — FCCB  
Jean Lecocq — FCCB  
Roberto Yoshida — FCCB  
Eugenio H. De Lucena — ABAF  
Luiz Antonio Pimentel — SFF.

O elevado número de fotógrafos brasileiros distinguidos, diz bem da importância e repercussão da fotografia brasileira nos meios artísticos mundiais. Acrescenta o comunicado que novos nomes serão apreciados na próxima reunião da FIAP.

Aos agraciados as nossas congratulações.

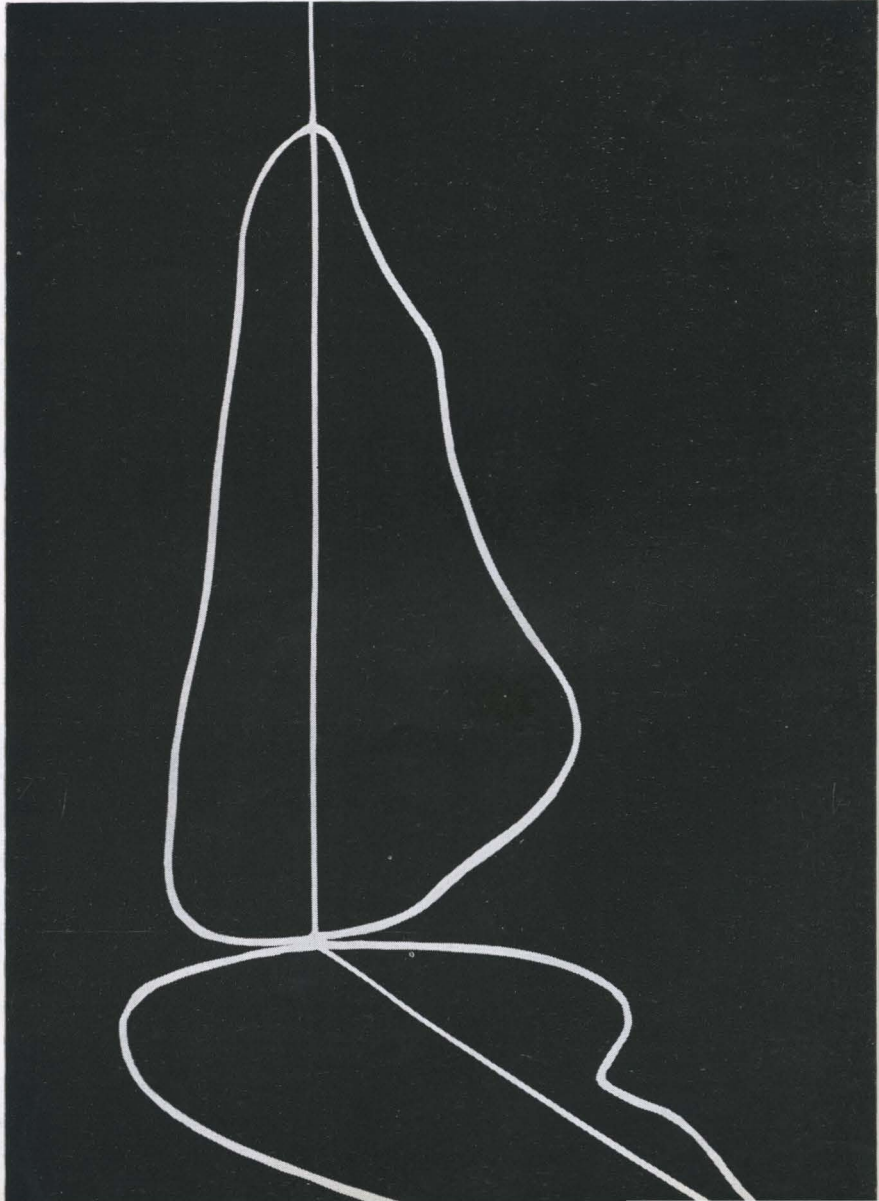


"POSE"

Raul Chamma — FCCB

"SOMBRA"

Paulo Susuki Hide — FCCB





S. Recknagel

Foto O. S. 72 (1907)

## Ontem e...

Criamos mais uma seção diferente na nossa revista.

Como bem diz o título "Ontem e Hoje", é uma simples visão comparativa das fotografias tiradas por nossos avós com os fotógrafos de nossos dias.

Não tem espírito de crítica ou elogios nem aos velhos e nem aos novos, e sim, somente mostrar aos amadores da arte fotográfica, que nossos avós gostavam também de TIRAR RETRATOS, devendo cada leitor fazer suas conjecturas.

A. J.

Foto 148 (1907)





"Nude"

Edward Weston

## ... Hoje

Procuraremos se possível, em cada número de nossa revista publicar fotografias do mesmo gênero, a fim de podermos estudar melhor os avanços da arte fotográfica ou mesmo, quem sabe, os recuos que vamos tendo perante os fotógrafos do início deste século.

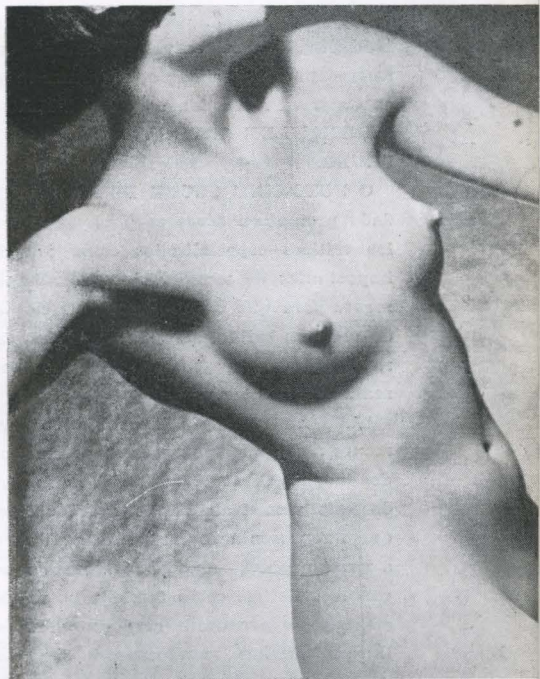
Começamos pelo nú, gênero dos mais difíceis, e que sempre tem atraído os fotógrafos, principalmente os de antanho, quando a fotografia procurava seguir os passos da pintura. Tanto que, muitos álbuns de fotografias de nus se destinavam principalmente aos pintores, indicando inclusive — como aquele do qual extraímos os trabalhos reproduzidos na página anterior — a idade dos modelos...

"Nu"

Francisco Albuquerque - FCCB

"Dancing Torso"

Walter Bird



# XV Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Encerramento das inscrições a 20 de agosto — O "ANUÁRIO BRASILEIRO DE FOTOGRAFIA"

Desenvolvem-se entusiasticamente os preparativos para a realização, em outubro próximo, na Galeria Prestes Maia, do XV SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE SÃO PAULO.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, entidade promotora desse certame, considerado pelos críticos especializados como um dos mais importantes do mundo, vem trabalhando ativamente para que o próximo XV Salão se revista do máximo brilho, assinalando assim, de maneira expressiva, a passagem de três lustros de realização ininterrupta.

Tudo faz crer que esse objetivo será plenamente alcançado, pois não só os amadores filiados ao F. C. C. B. e aos demais foto-clubes do país vêm trabalhando com dedicação para que a representação brasileira espelhe realmente a nossa evolução e aperfeiçoamento nesse difícil campo artístico, como também os residentes no estrangeiro procuram concorrer com seus melhores trabalhos, conhecedores que são da importância e repercussão do "Salão de São Paulo" no mundo artístico-fotográfico. Assim é que não obstante nos encontrarmos ainda há cerca de dois meses do encerramento das inscrições — O QUE SE DARÁ A 20 DE AGOSTO p. f. — várias dezenas de trabalhos já foram recebidos pelo Foto-cine Clube Bandeirante, inscritos por prestigiosos e afamados artistas da objetiva.

## O "ANUÁRIO BRASILEIRO DE FOTOGRAFIA"

Outro fator que deverá contribuir para que o próximo Salão seja dos mais expressivos é que, com base nos trabalhos nele admitidos, este Boletim pretende editar o "ANUÁRIO BRASILEIRO DE FOTOGRAFIA" no qual serão reproduzidas, se possível, todas as fotografias que integrem o XV Salão Internacional.

## O REGULAMENTO DO SALÃO

Como é do conhecimento geral, o "Salão de São Paulo" rege-se pelas regras recomendadas pela "Federation Internationale d'Art Photographique" (FIAP) que são, em resumo, as seguintes:

1) cada concorrente poderá inscrever até 4 trabalhos em cada secção: a) secção "branco e preto" e b) secção "côr";

2) os trabalhos poderão obedecer a qualquer tema ou processo, com exceção de fotografias coloridas a mão, e deverão ter a dimensão mínima de 24 cts. no lado menor e máxima de 50 cts. no lado maior;

3) os trabalhos deverão ser enviados todos sem montagem, inclusivé os dos concorrentes de S. Paulo. A montagem será procedida pelo F. C. C. Bandeirante;

4) no verso de cada trabalho, deverão constar o título da fotografia e o nome e endereço do autor, claramente escritos;

5) os concorrentes deverão preencher o boletim de inscrição e enviá-lo com os trabalhos e a taxa de inscrição de Cr\$50,00, à sede do F. C. C. Bandeirante;

6) a todos os concorrentes será comunicado o resultado da seleção e enviado o catálogo do salão e etiquetas dos trabalhos admitidos.

7) O PRAZO PARA INSCRIÇÕES E ENTREGA DOS TRABALHOS SERÁ ENCERRADO, IMPRETERIVELMENTE, NO DIA 20 DE AGOSTO p. f.

Os boletins de inscrição e regulamento já estão sendo distribuídos, podendo ser solicitados bem como quaisquer outros esclarecimentos, à secretaria do F. C. C. Bandeirante, rua Avanhandava 316, S. Paulo.



# Literatura? NÃÃÃO! Fotografia!

MARCEL GIRÓ — FCCB

Nosso companheiro Marcel Giró, Diretor dos Concursos Internos do Foto-cine Clube Bandeirante, está há alguns meses em sua terra natal, a Espanha, onde, por sinal, participando do Salão de Fotografia Moderna, levantou os prêmios máximos, tanto em branco e preto como em cor. É dele o seguinte artigo que transcrevemos do Boletim da "AGRUPACION FOTOGRAFICA SAN JUAN BAUTISTA" de abril p.p.

O redator dêste Boletim com um entusiasmo enorme e uma constância de pânico (pânico para quem se encontra como no meu caso) veio visitar-me, telefonando-me mais tarde com insistência para que lhe "fizesse" um artigo para publicar no Boletim dêste mês. Meu desejo, não custa dizer, seria contentar-lhe, mas... de que vou falar?

O tema forçosamente, é: **Fotografia.**

Meu forte não é precisamente literatura; prova disso que durante os meus estudos, as piores notas nos exames correspondiam a essa matéria. Enfim, creio que me encontro como muitos entusiastas da fotografia aos quais se pede um artigo **seja qual fôr**, sem medir as conseqüências que esta falta de capacidade para se expressar com a palavra, ou melhor dito, com a pena, pode acarretar. Se, ao contrário, pudéssemos nos expressar com a câmara, seria outra cousa!

Por outro lado, existem certas pessoas — por felicidade muito poucas — que artística e fotograficamente falando deixam muito a desejar mas que no fundo possuem uma certa vaidade e tôda a sua preocupação consiste em ver seu nome escrito em letras de forma encabeçando um artigo qualquer, mesmo que o seu conteúdo seja de um vasio incomensurável.

Os resultados desta maneira de atuar estão à vista. Colhei e folhei revistas e boletins e a conclusão que tireis será de uma tonalidade cinzenta. Por outro lado isso se agrava com as discussões muitas vezes insonsas que se prolongam por vários meses. Pouco a pouco aquêlê entusiasmo em esperar uma publicação vai decaindo até o momento em que sômente a folheamos por inércia e superficialmente na expectativa de alegrarmo-nos com a surpresa de um artigo ou uma reprodução de fotografia interessante. É a triste realidade e creiam-me, gostaria de estar enganado.

Solução ao angustioso problema? Sollicitar a colaboração de gente capacitada e recusar sistematicamente todo artigo que não manifeste um interesse dos problemas "atuais". Se não tivermos quem queira e **possa** colaborar, teremos que buscá-los fora. Traduzir das boas revistas estrangeiras os artigos que sejam interessantes para os amadores, já que não está ao alcance de todo o mundo poder adquirir estas revistas e também traduzi-las.

Causa verdadeiro cansaço folhear tantas páginas tratando de temas técnicos que interessam a uma minoria e bem pequena. É preciso saber o que pensam os grandes fotógrafos da atualidade, um Man Ray, um Ortiz Echague, um Steiner, um Adams, um Steichen, etc. etc., e já sei que agora vou dizer um sacrilégio, mas a mim não interessa saber de que forma está construída uma lente nem muito menos a composição química dos materiais que a tornaram possível, como tão pouco saber os reveladores que já há vários anos são de domínio público. É necessário viver a fotografia no sentido puro da mesma, nos momentos atuais, assim como conhecer suas obras.

Se as minorias a que acima me referi querem estar em dia na parte da técnica pura da **indústria** fotográfica, existem suficientes tratados muito mais extensos do que qualquer artigo reproduzido.

Discutir em público se esta ou aquela lente é melhor do que outra, parece-me uma espantosa ridicularia. As grandes indústrias, com seus poderosos meios tanto técnicos como econômicos é a quem compete resolver êstes problemas.

Nos outros, amadores, queremos e amamos a **Fotografia**, como **Arte**. Deixemos que os técnicos e a indústria trabalhem por seu lado e nos outros, se está ao nosso alcance, procuremos **criar** verdadeiras fotografias que esta é e deve ser a nossa finalidade.



Os excursionistas posam para o Boletim ao pé da grande barreira da Usina Edgard de Souza.

## *Excursão Pirapora - Edgard de Souza*

Naquela bonita manhã de 20 de maio, os madrugadores que passaram pela rua Avanhandava notaram insólito movimento na sede do F. C. C. B. Eram os “bandeirantes” que, máquinas a tiracolo, partiam para mais uma das suas costumeiras excursões.

Desta vez, em demanda das usinas e obras da Light em Pirapora e Santana de Parnaíba, a convite daquela empresa, que instituiu um concurso sobre as fotografias colhidas naqueles locais.

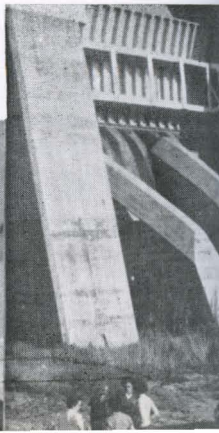
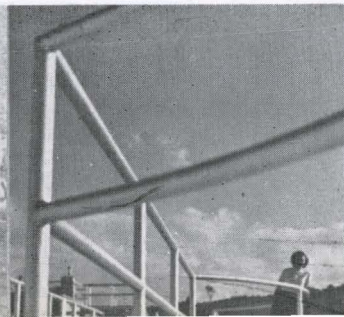
Após o gostoso cafésinho do Anselmo, foi dado o sinal de partida pelo **Dr. Edgard Radesca**, do Dept. de Relações Públicas da Light, que acompanhado de

sua Exma. esposa e das nossas já conhecidas as gentis senhorinhas Isaura Brick e Maria Victoria Lemos do Amaral, funcionárias daquele departamento, nos serviriam de cicerones.

Barueri, com sua pitoresca feira dominigueira, Santana de Parnaíba com suas casas e largos beirais dos tempos coloniais foram logo deixadas para traz em demanda de Pirapora que, alegre e ensolarada, surgiu a uma curva da estrada, após hora e meia de viagem, lá em baixo a beira do lendário Tietê. Mas não nos detivemos. Pirapora ficaria para logo mais.

Fomos diretos para a barragem que a Light ergueu pouco adiante a fim de se-

Flagrantes tomados durante as visitas. No segundo, o veterano Chiatone é “batisado” pela gentil Isaura.



gurar as águas do Tietê e com elas alimentar a cadeia de suas usinas a serviços de São Paulo. Ali principiaram os fotógrafos a gastar seu material. Nada escapou aos olhos de lince de suas objetivas, sejam os detalhes arquitetônicos, seja o jacto de água em leque, seja a bonita paisagem local...

Um novo cafêsinho e... agora sim, uma visita à cidade. Pirapora regorgitava de romeiros. Romeiros a cavalo, romeiros em charretes, em caminhões, automóveis, carroças e mesmo a pé, ali estavam para pedir ao Bom Jesus do Pirapora um lenitivo para os seus males. Difícil entrar na basílica, tal o povo que nela se comprimia. Mas, claro que as "bandeirantes" não poderiam deixar de solicitar as três graças do costume. Calças compridas? Não, não seria impecilho. Logo surgiram, não se sabe de onde, saias e capas disfarçando com engenho e arte as calças arregaçadas, improvisando trajés femininos que não atraíssem a cólera do pároco...

Pirapora, suas casas brancas debruçadas sôbre o rio, seus peregrinos, foram fotografados de todo jeito pelos "bandeirantes" que não perdoaram nem mesmo as bandas que no coreto se revesavam em desafio, as notas misturando-se aos gritos dos vendedores de santinhos, pipoca, doces e tôda sorte de quinquilharias.

Exgotado o assunto, eis-nos rumo a Rasgão. Rasgão vive hoje as glórias de ontem. Ali, onde o braço bandeirante rasgou as entranhas da terra em busca do ouro e na tentativa de encurtar distâncias, procurando eliminar larga curva do rio, a Light aproveitou o "rasgão" para dar a S. Paulo o ouro da eletricidade que, em conjunto com Cubatão, haveria de possibilitar o seu espantoso crescimento.

Mas S. Paulo cresceu muito depressa, cresceu demais e Rasgão tornou-se pequena e insuficiente. Dai surgirem a Barragem de Pirapora e a grandiosa Usina Elevatória "Edgard de Souza" em Santana de Parnaíba, (que logo mais também visitaríamos), entrosando-se todo o sistema com a Usina Piratininga e a nova Usina Subterrânea de Cubatão (visitadas anteriormente pelo FCCB) possibilitando, assim, S. Paulo de continuar a sua marcha ascensional.

Em Rasgão, à sombra de frondoso arvoredo, almoçamos. Dos cestos e balaios surgiram quitutes de tôda sorte, desde o cuscus até o quibe, regados com o "chopp"



Vários flagrantes colhidos durante o passeio às instalações da Light em Pirapora, Rasgão e Edgard de Souza.



geladinho que a diligência do Dr. Radesca havia adrede providenciado.

Novas fotografias e retomamos o caminho de volta até Santana de Parnaíba, onde paramos na Usina Elevatória "Edgard de Souza". Ali, junto àqueles enormes paredões de ferro e concreto, símbolos da energia e do trabalho paulistano, o homem sente-se pequeno ante a sua própria obra.

Demoramo-nos até que o rubro do sol indicou que já era hora de voltar.

Coincidência a um tempo curiosa e triste. No momento mesmo que a caravana do FCCB visitava a Usina "Edgard de Souza", falecia nesta Capital o ínclito engenheiro que lhe deu o nome, um dos homens cujo largo tirocínio e capacidade de ação, durante longos anos à frente da Light and Power, ideou e pôs em execução o gigantesco plano de obras que fornecerão a S. Paulo eletricidade bastante para o seu extraordinário desenvolvimento.

À memória de Edgard de Souza, as homenagens do Foto-cine Clube Bandeirante.

## 45 ANOS DE GELATINO-BROMETO

I



O garoto disparou o obturador e... o aparelho colheu um poste telegráfico! Chapa perdida...

O mesmo, 45 anos depois. Poste telegráfico fotografado com filtro vermelho — composição "de abafar"!...



Desenhos e legendas de  
DELARUE-NOUVELLIERE  
(De Photo-Cinema)



**"O GUARDA"**

**Casemiro P. Mello — FCCB**

# A Fotografia Avança...

## "EVA" FOTOGRAFA NO ESCURO...

As autoridades norte-americanas vêm de levantar o sigilo mantido em torno de uma nova máquina capaz de fotografar em plena escuridão, objetos distantes do observador até mais de 1 km.. EVA (abreviação de evaporografo) é a denominação desse aparelho que atualmente está sendo produzido apenas para fins militares e cujo custo atualmente atinge 9.500 dólares, ou cerca de Cr\$800.000,00 mas que, espera-se possa ser brevemente reduzido, a fim de ser aplicado também na indústria pacífica.

O seu princípio tem por base os estudos e experiências do Prof. Marianus Czerny, conhecido perito alemão de física, que remontam a 1933.

A EVA funciona como qualquer máquina fotográfica. Apenas, ao envez de captar raios luminosos, recebe as radiações infra-vermelho emitidas pelo objeto focalizado (como sabemos, todos os corpos emitem radiações caloríficas, gama de infra-vermelho, e somente estas se produzem no escuro), concentrando-as através de um espelho côncavo, assim como um espelho telescópico concentra os raios luminosos. Antes de atingir o foco, os raios penetram numa camada de sal, que é transparente aos raios infra-vermelhos, indo formar a imagem na superfície de uma matéria plástica coberta com uma película de óleo de silicoma. Quando a imagem infra-vermelha se forma as partes claras são mais quentes do que as escuras, provocando a correspondente maior ou menor evaporação na camada de óleo, cuja película assim reproduzirá o objeto fotografado em plena escuridão. E, o que é interessante, esta imagem será reproduzida em cores, num fenômeno idêntico àquele observado quando, p. ex., a luz incide sobre uma camada de óleo flutuando sobre a água: como todos já temos observado, o óleo brilha com variadas e bonitas cores de interferência. Assim, as partes mais quentes do objeto aparecerão em tons de amarelo e as mais frias em tons de azul. A imagem assim formada poderá ser vista diretamente no "negativo". Além disso, o contraste entre as várias cores é bastante nítido para poder ser fotografado em branco e preto ou mesmo em cores, com uma máquina fotográfica comum que, nesse caso, será incorporada ao evaporografo. Neste, o operador poderá acompanhar a formação da imagem na película oleosa através de um visor situado na parte oposta à objetiva, e o aparelho tem sensibilidade para registrar radiações caloríficas entre 1 e vários milhares de graus Fahrenheit com precisão até de 1/5 de grau.

## CÂMARAS DE AÇÃO RÁPIDA

George T. Eaton, dos laboratórios de pesquisas de uma firma norte-americana, descreveu recentemente as novas câmaras de alta velocidade, capazes de fazer 15.000.000 de fotos por segundo. Segundo suas declarações, algumas dessas câmaras nas quais o filme gira num tambor rotativo, ou tem por base o princípio do espelho giratório fazem exposições tão curtas que chegam ao fantástico. Outras câmaras de tipo convencional, nas quais o filme corre sobre rodas dentadas, podem fazer exposições de 1/10.000 de segundo. Uma dessas câmaras super-rápidas, a "Hycon-Submicrosecond" é empregada para estudar o movimento de partículas nos altos fornos e na combustão de motores de reação.

## MICROFILMES E CÓPIA

Uma máquina combinada para microfilme e cópia capaz de fotografar 400 documentos do tamanho de cheques em poucos minutos, figurará entre os equipamentos de escritório que serão exibidos no departamento de Olympia, da II Feira das Indústrias Britânicas de 1956. Poderá ser manejada sem que o operador necessite sair de sua cadeira e usará filmes de 8 ou 16 milímetros e papel de peso simples até 11 polegadas de largura. Os documentos fotografados poderão ser copiados em papel sensibilizado especial, dentro da própria máquina, evitando-se assim a necessidade de câmara escura.

## REFRIGERANTE ESPECIAL

A "Du-Pont" anuncia o lançamento do "Freon-113" para a lavagem rápida, segura e eficaz das películas fotográficas e de cinema. Geralmente usado como refrigerante nos condicionadores de ar e refrigeradores industriais, esse líquido ininflamável, inócuo e inodoro, segundo os resultados de ensaios anunciados pelo "Motion Picture Research Council, Inc." tem se revelado melhor que a maioria dos solventes para lavagem e secagem, poupando cerca de 10 a 20% do tempo na lavagem por processo mecânico. Adaptável aos processos de lavagem mecânica e manual, não prejudica a emulsão na película branco e preto ou colorida. A cera de abelha e o álcool cetílico podem ser dissolvidos no refrigerante "Freon-113" para lavar e lubrificar os filmes cinematográficos, protegendo assim a película contra os danos provenientes do atrito durante a projeção.

# ORIENTANDO O AMADOR

(envie-nos uma cópia até 12x12, de preferência em papel brilhante, e faça a consulta que desejar.)

**"E nada para mim" — LUIZ P. CORREA, Capital.**

As atitudes das crianças não convencem; carecem de naturalidade, de espontaneidade, o que é essencial em cenas como esta; além do mais, o fundo é bastante perturbador. Devia localizar as crianças em fundo neutro, como, p. ex., o muro coberto de erva que se vê no canto direito, ou contra o céu, etc.



**J. Felix — R. Preto** — O exgotamento do banho revelador depende da maneira de seu uso e de sua idade. Quanto mais elevado o número de cópias ou negativos densos revelados, mais rápido será o seu exgotamento e vice-versa. Por outro lado, a oxidação provocada pelo contacto com o ar também diminui a sua vida útil. Daí dever-se conservar o banho revelador em garrafas bem fechadas.

\* \* \*

**J. Silva — Capital** — O mesmo redutor não terá efeitos satisfatórios para qualquer tipo de negativo, isto é, negativos muito densos por super-exposição e negativos sôbre-revelados. Podemos considerar quatro problemas diferentes de

redução: a) a redução de contraste de um negativo revelado além do normal; b) a redução geral de um negativo tão denso que impeça a cópia; c) o aumento de contraste de um negativo muito denso mas achatado e d) a eliminação do véu. Para o caso a, o redutor de persulfato de amônio (a 1,5% em água) é indicado. O redutor de Farmer pode ser aplicado como redutor superficial, nos casos b e d, em um banho, ou como redutor proporcional em dois banhos, no caso a exclusivamente. Os negativos do tipo c, podem ser tratados com o Farmer concentrado, com maior dose de ferrocianureto do que a indicada na fórmula normal. Para o caso d o redutor a permanganato ácido é o mais indicado.

LASANHA AO FORNO

Especialidade da CANTINA PIEMONTESE

ALAMEDA FRANCA, 1509 (esq. Consolação) — Tel.: 8-1082

# Foto-Livros

**LES EUROPÉENS, Henry Cartier-Bresson, Verve, Paris, 1955.**

Henry Cartier-Bresson é sem dúvida alguma um dos fotógrafos mais conhecidos em todo o mundo. A tal ponto chegou sua merecida fama que seu nome é tomado mesmo como sinônimo de determinado tipo de fotografia a cujo mérito puramente documentário adicionou um novo ingrediente, de sua exclusiva propriedade, e que pode ser chamado de interesse humano.

Bresson é um globe-trotter e a sua companhia é a máquina fotográfica. Porém sua fotografia não é a mesma dos turistas ou mesmo de determinados tipos de artistas-fotógrafos. Se em fotografia existe estilo, pode-se afirmar que Bresson constitui exemplo marcante.

Em sentido amplo seus trabalhos podem ser tidos como documentários. O próprio autor não nega essa intenção. Todavia seu tipo de documentário ganha os limites da arte através de um modo pessoal de ver as coisas, e principalmente pelo seu modo de situar a humanidade.

Folheando-se a obra de Bresson, onde se revelam mais de cem flagrantes colhidos em tôdas as partes da Europa, um observador menos avisado poderá ver na coletânea uma espécie de anedotário, espécie de catálogo de tipos, onde o fotógrafo tivesse procurado irônicamente apanhar desde os detalhes irreverentes até os personagens representativos de cada país ou região, procurando ainda mostrar coisas e ambientes.

Todavia, depois de exame mais detalhado e principalmente depois de pré-munido com as palavras de Bresson na própria introdução, já verá seus trabalhos sob outro ângulo que não o do anedótico ou do divulgativo.

Cartier-Bresson anda bem longe desse tipo de fotógrafo. O que lhe interessa na obtenção do negativo é o aspecto humano do assunto, sendo bem raros seus trabalhos onde não predomine avassaladoramente essa intenção.

Não busca tipos, devassa os protótipos e sabe sobretudo aguardar e escolher aquela mínima fração de segundo em que o assunto se revela e fora da qual não mais tem valor algum. Seu interesse na humanidade é sua obsessão e os próprios ambientes são utilizados para realçar o conteúdo.

Em verdade Cartier-Bresson viu e sentiu os europeus. Dentro desse mundo relativamente pequeno e mesmo evanescente que é a Europa de hoje, o artista extraiu a grandeza de uma civilização. E de tudo existe onde existe essa civilização. Desde a faina diuturna do arador em um olival no Peloponeso até aquele homem anquiado, de cartaz pendurado ao pescoço, que esmola resignado qualquer tipo de emprêgo, em

alguma parte do oeste da Alemanha, não ficando impassível à passagem de uma procissão em Puerta del Sol e também não se esquecendo de gravar nem um desfile de modas em Hamburgo ou a agitação ultra burguesa de uma rua de um arrabalde pobre de Roma.

Como ele mesmo confessa há milhares de formas de se descrever, mas a ele não será possível dizer que seu modo é puramente imaginário, pois em verdade sai da realidade e faz com que suas fotografias dentro dessa linha justa, atinja um admirável nível artístico.

**THE HISTORY OF PHOTOGRAPHY from 1839 to the Present Day, Beaumont Newhall, The Museum of Modern Art, New York.**

A obra de Newhall, como indica mesmo o título, nada mais é do que um quase relatório da história fotográfica. Passo a passo, desde as primeiras experiências, de Niépce e Daguerre, vai o conservador do Museu de Arte de Nova York traçando fria e objetivamente, como mesmo convem a tais tipos de livros, o roteiro da evolução da fotografia. Todavia nem sempre sua análise é fria e estatística. Estudando períodos, tendências e influências pessoais, chega a firmar conclusões, destacando mesmo determinadas épocas marcantes na evolução.

Interesse maior advem do livro principalmente em razão da sua parte documentada. Quase toda a evolução histórica é exibida através de reproduções de fotografias da época, possibilitando ao leitor uma visão perfeita do assunto. Entre os trabalhos reproduzidos salientam-se os clássicos de Talbot, Nadar, Stieglitz, Man Ray, Moholy Nagy, e mesmo trabalhos mais recentes e pouco conhecidos de Weston, Strand, Adams, Bresson e Lange.

Um fato é de se lamentar. É que a obra se restringe quase que unicamente aos Estados Unidos e Europa, ignorando assim os inícios e os progressos fotográficos em outras partes do mundo, o que evidentemente constitui uma falha em se tratando de uma história geral.

R. T. S.





# Resenha das Principais Atividades Mensais do F.C.C.B.

## "POSIÇÃO DA FOTOGRAFIA NO CAMPO DAS ARTES"

Focalizando êsse interessante tema, o associado **Dr. Rubens Teixeira Scavone** pronunciou no dia 18 de junho p.p., perante numerosíssimo auditório, brilhante palestra, defendendo a posição da fotografia ao lado das demais artes e descrevendo a sua evolução histórica. Seguiram-se animados debates.

## EXPOSIÇÃO AYROSA—MAURO PONTES

A 24 de maio, foi inaugurada na sede social, a exposição de fotografias de **Eduardo Ayrosa** e **José Mauro Pontes**. A mostra dêsse magníficos fotógrafos do F. C. C. B., estivera anteriormente exposta ao público no Teatro Maria Della Costa, merecendo da crítica as mais elogiosas referências, conforme se pôde inclusivé verificar do artigo de **Lourival Machado** que publicamos no último número, motivo porque nos excusamos de maiores comentários. Nesta nova oportunidade, foram renovados aos apreciados artistas, pelos seus colegas do clube, amplos aplausos pela obra que vêm desenvolvendo e a beleza dos trabalhos exibidos.

## EXCURSÃO A PERUIBE

Nos dias 23 e 24 de junho, o F. C. C. B. realizou interessante excursão a Peruipe. Ali estiveram em contacto inclusivé com um agrupamento de índios Guaranís, colhendo magnífico material etnográfico e folclórico. No próximo Boletim daremos notícia mais detalhada dessa excursão que reuniu grande número de associados.

## 3.º CURSO DE FOTOGRAFIA

Com inteiro êxito foram encerradas as inscrições para o terceiro curso de fotografia para principiantes promovido pelo F. C. C. B., ultrapassando de muito o número previsto para a organização das turmas. As aulas terão início a 17 de julho, encarregando-se das mesmas os Srs. **Alfio Trovato**, **Armando Nascimento Jr.**, **Odilon Amado**, **Eduardo Salvatore**, **Tufy Kanji** e **José V. E. Valenti**.

## SEMINÁRIOS

Mais dois seminários foram realizados a 17 de maio e 11 de junho, sob a orientação, respectivamente, de **Ivo Ferreira da Silva** e **Pietro Troia-ni**. Interessantes temas foram debatidos pelo numeroso público presente às reuniões.

## CONCURSOS INTERNOS

Proseguem com entusiasmo os concursos internos de 1956, cujo calendário para os próximos meses é o seguinte:

Mês	Branco e Preto	Côr
Junho	Detalhes e "table-top"	livre
Julho	livre	—
Agosto	Arquitetura e Interiores	Retratos e animais.
Setembro	Não haverá concursos, com a realização do XV SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO	
Outubro		
Novembro	livre	—
Dezembro	Composições naturais e Abstrações	livre

## Prêmios Especiais

Conforme já noticiamos a FOTOPTICA está oferecendo prêmios em material fotográfico aos autores das melhores fotografias nos concursos mensais do F. C. C. B., nas várias categorias de concorrentes.

No concurso de março último, sob tema livre, foram vencedores, **Tufy Kanji** (senior), **Rubens Teixeira Scavone** (junior), **Bernardo Meyer** (novíssimo) e **Paulo Suzuki Hide** (aspirante).

No concurso de abril — cenas de rua — foram classificados **Ivo Ferreira da Silva** (senior), **Antonio Ferreira Filho** (junior), **Raul Chamma** (novíssimo) e **Casemiro P. Mello** (aspirante).

Os trabalhos premiados ilustram êste Boletim. Os trabalhos dos membros das comissões julgadoras, não participam da premiação.



R. Bento Freitas, 74  
Tel. 34-0709

## OFICINA TÉCNICA BERNARDI

Consertos de Aparelhos Fotográficos  
e Cinematográficos - Acessórios  
Reformas etc.

RUA SÃO BENTO 217 - SOBRELOJA  
SALA 110 — FONE 35-1959

## Trevisan & Zalunardo Ltda.

APARELHOS FOTOGRAFICOS  
E CINEMATOGRAFICOS

Rua 7 de Abril 79 - 4.º andar - sala 406  
SÃO PAULO

TERRENOS EM  
SANTO AMARO  
OU  
PRAIA GRANDE

PROCURE  
EMIL ISSA

R. Xavier de Toledo, 99 - 3.º  
Telefones: 36-1236 e 34-1318



## FRAQUEZA GERAL

Depressão, impotencia genital do homem e mulher, Neurastenia, velhice precoce  
Prostatite e falta de filhos. - Tratamento pela "Auto-Hormo-Vacina "Hellmeister"  
(Aos interessados enviamos prospectos com dados sobre o tratamento)

### LABORATORIO HELLMEISTER

Diretores Técnicos:  
O. HELLMESTEK - Médico  
J. HELLMEISTER - Técnico Bacteriologista

PRAÇA DO PATRIARCA, 96 - 2.º AND. - TEL. 32-5918 - CAIXA POSTAL, 919 - S. PAULO



FUNDADA EM 1903

## CASA BEETHOVEN S. A.

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

MUSICAS • PIANOS  
RADIOS • DISCOS  
INSTRUMENTOS  
PAPELARIA  
REFRIGERADORES

R. DIREITA, 137-141 — TELEFONE: 37-2501 — CX. POSTAL 348 — S. PAULO

Concorra ao

# XV SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE SÃO PAULO

e figure no  
1.º ANUÁRIO BRASILEIRO  
DE FOTOGRAFIA

Inscrições e entrega  
de trabalhos até  
20 de AGOSTO de 1956

Rua Avanhandava 316 - Fone: 32-0973 - SÃO PAULO  
FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE



**FALE  
DIRETAMENTE  
...**

**... NO BOCAL DO APARELHO**



**UM CONSELHO  
DA**

E não fale excessivamente alto. Qualquer incorreção no falar ao telefone prejudica e torna desagradável a audição. No telefone, é a sua voz que o representa.

**COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA**